

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—O *snr. Chagas e o Em.^{mo} snr. Patriarcha*, pelo Padre Raymundo.—Secção Religiosa: *O Natal*, por D. Netto; *A Fé*, por J. C. de Faria e Castro; *Noticias de Nossa Senhora de Lourdes*, por E. J.—Secção Critica: *Coisas! Coisas!* por um leitor de gazetas; *Carta da Madeira*, por um constante leitor.—Secção Litteraria: *A mãe do Parocho*, por Ernesto Delloye.—Secção Illustrada: *X, A Resignação*; *XI, Os Morcegos*; *XII, O tunel do monte Ceniz*, por R.—Secção Necrológica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

Gravuras: *O que é um Bispo*; *Por um!*; *Uma boa filha*.



O QUE É UM BISPO

O *snr. Chagas e o Em.^{mo} snr. Patriarcha*

UMA das ultimas segundas-feiras, sob a epigraphe de *Os cyrios e as vindimas*, dava o *Correio da Manhã*, um artigo do *snr. P. Chagas*.

Se o *Correio* tivesse dado aquelle trecho, n'outro dia, entre dois artigos rabidos, vehementes e cortantes, poderia ainda tolerar-se.

No numero supplementar, não se comprehende.

No seu numero litterario de cada se-

mana, costuma o *Correio da Manhã* dar contos mais ou menos felizes, trechos de poetas, e fragmentos de qualquer livro em verso ou prosa, que faça a novidade litteraria palpitante.

Com que razões se fez inserir e deslocou ali, uma objurgatoria contra o *snr. Patriarcha*?

O artigo em questão, longe de se recommendar, como uma perolá litteraria, representa simplesmente um dispensavel testemunho da depressão de bom gosto, em cujo cyclo, ha tempos, o *snr. P. Chagas* tem desmandado o seu bello talento.

E' a superfetação de uma hora hybridada. Foi escripto talvez, durante o chylo de um jantar copioso, entre as tenuissimas columnas de fumo do charuto acceso, e o calice facetado do *cognac*, que se vae esgotando, a pequeninos sórvos.

O *snr. P. Chagas* confessa-se piedosamente enternecido por procissões, cyrios e canto de senhoras nas egrejas, que (o absoluto do asserto é d'elle) acabam de ser prohibidos, pelo prelado lisbonense; e investe pavoroso, contra o iconoclasta, porque, sobre a pyramide de todos os seus crimes, é despro-

vido de exuberancias de carne, e... faz uso d'oculos!...

Chega aos limites de o appellidar de *fradel*... O que é muito.

E até de *frade*... *varatojano*!... O que ainda é um pouco mais!

Irritou-se com os oculos e com a escassez de banhas do respeitavel prelado. Poderia ter voltado o gume da sua indignação, contra a altura, contra a côr dos cabellos, ou ainda contra outro qualquer attributo não menos funesto e assassino—o que faria o mesmo para o libello.

Se o snr. Cardeal Patriarcha fosse ligeiramente obeso, e apertasse o nariz adunco, entre os aros de uma luneta, que ironias aceradas, encontraria lá no seu carcaz, para lhe disparar?...

Ao snr. P. Chagas deu, á ultima hora, para se desvanecer de predileção, por procissões e cantos femenis.

Não nos seria difficil recolher dos seus escriptos, provas de sentimentos muito diversos, começando por um folhetim, que, ha annos, lhe inspirou a procissão do Corpus Christi.

Escreveu tudo aquillo, como teria escripto... o contrario! E' o eterno principio do *preso por ter cão, e preso por... não tel-o*!...

Tudo se defende e tudo se agride, em uma certa imprensa. O caso depende das conveniencias de occasião.

Fluctua-se: não se toma pé.

Final a logica dos principios, o rigor das illações, a coherencia dos assertos, são coisas de si tão banaes e indifferentes, que servem, quando muito, para invocar nas declamações, e para... fazer estylo! E' claro. Para fazer estylo principalmente.

Ao novo paladino da Mancha, por que lhe fez isso talvez lá arranjo, para investir contra as lentes e contra a de-pauperada periphèria da primeira auctoridade do Patriarchado, eil-o que pôz a sua lança, aos pés e ao serviço dos cyrios saloios, e das damas que garganteiam, por essas egrejas, com aprazimento seu!...

E, por fim ao homem, não parece falar de todo razão!

O prelado lisbonense, se não logra perturbar-lhe as digestões difficeis, vae em compensação, desfolhar-lhe a ridente poesia, em que todo elle se banhou, pelo valle do Gradil, todo recamado de pampanos de um tom verde graciosamente afogueado! E, para os lados de Setubal, para Azeitão—cremos nós—o attentado não se ouzara de menos alarmantes responsabilidades, ali, onde os mais formosos cachos de moscatel, com os seus bagos, a lembrar doiradas perolas, embalsamam o ambiente de dulcissimos perfumes; quer atulhando as dornas dos carros, quer sobre os hombros dos moços, que os transportam

em vindimos para o lagar; ou mesmo erguidos a punhados, pelos carreiros, de mãos inundadas, pelo môsto espresso!...

E será justamente muito lamentavel, que de futuro, quando, como ha pouco, o snr. P. Chagas, abrir a janella de manhã, e espraia a vista por esses montes fóra, deixem de embevecel-o o longiquo estrepito dos foguetes dos cyrios, a melopèa alegre do carro, que vae despertando os eccos sonoros da estrada, tirado pela junta de olhar resignado e meigo, que sacode ufana os collares n'uma orchestra de guisos!...

Será desoladôr, será! Chegará—quem sabe?—a attingir os cothurnos do tragico!...

O tyrannico snr. Patriarcha tornou-se o gole de absyntho, na taça de nectar do snr. P. Chagas; uma como que sombra de Banquo, na tragedia do Macbeth; um erro implacavel e odioso desmancha-prazeres!...

Para o crente, para o snr. P. Chagas, isto de religião cifra-se quando muito, n'um sentimento!

Emocionem-o agradavelmente, e tel-hão, um convencido asceta.

A impressão para elle, é um excelente e exclusivo agente de receptividade. Acariciem-n'o, e ter-lhe-hão suprido razão e fê!...

Chegamos a não saber, que julgar dos golpes seguros e de mestre, com que flagella o positivismo.

O systema religioso constitue para o snr. P. Chagas, uma concatenação de symbolos e mythos, cujos elos, tão heterogeneos, se succedem, e atravessam, com a humanidade, os paramos da historia.

Commodo, sobre tudo!...

Não foi o fervôr religioso, que ergueu e desenhou o perfil esbelto e vaporoso das cathedraes, nem se desentranhou nos hymnos melodicos e arrebatadôres da devoção.

Qual?!...

Foi ao sópro d'estes dois agentes que apontou em nossa alma a revelação do divino. Até então, não tinha penetrado lá, um traço, um reflexo do *lumen vul-tus tui*!

Que pensão?! A *invenção* deve-se a duas ordens de benemeritos: aos architectos ahí do seculo XIII, e aos compositores talvez do seculo XVII!...

Nada de Deus, sem as partituras de maestros geniaes e inspiradissimos, e sem a luz, que se diffunde mysteriosamente por entre as arcarias lanceoladas e sombrias, e a labyrinthica floresta de columnas airosas e fugitivas da cathedral gothica!...

O homem levantou as mãos ao ceo, porque a agulha de uma torre lh'o apontou; e dilatou-se em expansões de divinos arroubos, porque se executou

uma partitura qualquer. Até então, não existira ainda, um ideal sublime e indefinivel!...

Este transtorno, esta inversão de ordem, sobre peregrina, chega a parecer-nos ingencia!...

Segundo o snr. P. Chagas, as artes não tentam fixar um ou outro fugitivo traço do bello. (O infinito não pode comprehender-se no limitado).

A arte não é para elle o collodio, que fixa a imagem. E' mais: é o mechanic, que reproduz, que cria o modelo!...

E que admira, pois, que se sinta consternado e lacrimoso, se, a proposito de procissões, vozes femenis e cyrios, lhe acodem a appello, umas reminiscencias das suas brilhantes lições, no *Curso Superior de Lettras*!... Se lhe lembram a Grecia, as vindimas hellenicis, e as messes que ondeavam, com a brisa da Atica e da Laconia!... Se nem ainda esquece, o culto rendido aos Dyonisos e Demeter, veneraveis divindades muito lá das suas relações, mas de quem a onda humillima do vulgacho, quando muito, ouvira falar menos mysteriosamente, sob a denominação de Baccho e Ceres.

Sob a protecção d'estes deuses, os pagãos poseram o vinho e o pão.

Os dois figurões abotoaram-se sempre, com as venerações mais alegres e religiosas, durante as colheitas, nas collinas do Peloponeso, cujas praias, o mar jonio franja de alvejantes espumas!...

E o odioso prelado de Lisboa, a romper e a partir o elemento historico, esse filão auriluzente, que, para o snr. P. Chagas, atravessa diversas camadas, e se escapa, sem salvo-conducto, da mythologia pagã, para as risonhas festividades catholicas!...

Pois que representa, para o snr. P. Chagas, a Annunciação, com a primavera que desponha, a Ascensão com as espigas de oiro das searas, o Santo Antonio com os olentes mangericões da Praça da Figueira, o S. João com as fatidicas alcachofras, e o S. Pedro, que deixa de ser a veneravel pedra angular da Igreja (*tu es Petrus*), para se converter n'um jogral, que dança como um perdido (sic), de chaves á cintura (sic), e de bordão apostolico debaixo do braço (sic)!...

Se para o snr. P. Chagas chega a ser lendaria, a Sagrada Virgem!!!...

E chora-se, no epicedio de todos esses pseudo mythos, que vê ir muito derrancados, abysmar-se no mesmo vortice, onde se perderam já, os extinctos carros de Thespis e de Suzanon, uns rapazotes compatriotas de Aristophanes, e soffrivelmente patuscos, cuja melhor prenda—ao que parece—era darem-se de spectaculo, em scenas de vindima, com o rosto *besuntado* (sic)!...

E ir-se-hão os risos, os cantos populares, e entraremos n'um circulo de tão franca sensaboria e fastio, que até nem mesmo os vindimadores sentirão já, a veia galhofeira, para as chufas maliciosas, e muito menos para as mystificações da cortadeira!

Folgará em treguas, o *novato*; e, sobre o vinhal, pairará uma atmosphera tão saturada de bocejos e tedioso enfado, quão irreverente de feroz impiedade!...

Teremos attingido então o ideal do snr. Patriarcha e de mais, não sabemos quantos prelados—as alegrias campestinas e as festas populares, sem Deus!... *Proh pudor!*

Mas aqui, á puridade: informou-se bem o snr. P. Chagas, do que o snr. Patriarcha estabeleceu, sobre o canto coral fememino, e cyrios?

Ouvi dizer... Assim começa o illustre jornalista, o seu excepcional artigo.

Ouviu dizer!... Logo nos quiz parecer que lh'o tinham dito!...

Padre Raymundo.

SECÇÃO RELIGIOSA

O NATAL (*)

Gloria in altissimis Deo, et in terra pax hominibus bonæ voluntatis.

lvo. II, 14.

QUADRO esboçado desde o principio dos seculos e avivado successivamente de mais brilhantes coloridos, acabou, finalmente, de receber sobre sua primorosa tela, a figura predominante e fulgida, que lhe devia dar o ultimo realce e fazer docemente esparrizar suaves effluvios, em rutilante auréola de fecundante luz! Os povos, embalados na expectativa d'um Libertador que lhes quebrasse os ferros da servidão, e os fizesse prosperar e viver radicados na justiça, acabaram, emfim, de ver o complemento ás suas aspirações, a realisação aos seus mais bem fundados e ardentes desejos!

A estrella de Jacob, alfim, appareceu no horisonte, e ao seu benefico esplendor resôa harmoniosamente angelical concerto, annunciando gloria a Deus, paz aos homens!

Tudo é festa, encanto tudo!

E' que Jesus Christo, a esperanza das nações, o supremo conciliador de Deus com o homem, o sublime regenerador

(*) Este artigo, que de vera sair no passado numero, só agora vê a luz da publicidade, assim como outros, pela dedicação que fizemos do n.º de 31 de dezembro.

A REDACÇÃO.

dos seculos, o messias promettido aos povos, acaba de apparecer no mundo,—e, tanto importa, uma nova epocha, um periodo cheio de pacificação e d'amor, começa a raiar para este!

Com effeito, consulte-se a historia, essa grande preegoeira da antiguidade, e ver-se-á que ominosissimo, soberanamente deploravel, era o estado a que a humanidade se achava reduzida então; mal a que só Jesus Christo soube e ponde dar salutifero remedio.

Quarenta seculos de miserias haviam na arrastado ao ultimo paroxismo moral: as falsas ideias, a desigualdade e escravidão, a immoralidade campeando infrene, os vicios pullulando no seio da mais torpe devassidão, a inversão mais completa das noções do bem e do mal, de tal sorte que o vicio fosse adorado sobre os altares como deus e virtude, ao passo que esta, genuina, era considerada como baixaza e viciosidade,—todo este hediondo amalgama, actuando, certamente outro resultado não podia produzir.

Os homens, pervertidos, entregues inteiramente aos seus appetites, manifestaram não só a ausencia completa da consciencia moral e principio do justo, mas ainda, o que é mais, o peccamento mais formal da rasão em ordem ao seu ultimo fim.

D'aqui, a série enorme de crueldades e dissoluções, que, pelo horror que naturalmente inspiram, nos fazem de-ter a palavra.

E, se do individuo passamos á collectividade, que cahos tambem, santo Deus!!

A liberdade, essa ideia pura e nobre, que, qual precioso nectar, dimanava do Evangelho, e é o fundamento de todo o bem estar, era inteiramente desconhecida das antigas republicas: não a tinha de certo o escravo curvado á gleba, victima do capricho do seu senhor; fugia do liberto, a quem uma simples resolução do seu amo podia reduzir á condição antiga; não estava com o cliente servilmente humilhado deante do seu patrono; ausentava-se da mulher, uma perfeita escrava, cujo mister mais elevado era dar ao marido filhos, á patria cidadãos; não se conciliava sequer com os chamados *senhores*, por levianos pretextos bastas vezes sacrificados á comunidade publica.

Desgraça, pois, para as nações, desgraça para os individuos,—tudo um completo abysmo de trevas e perversão moral; eis o triste quadro que então se nos depara.

Mas esta pesada noite, cujas densas brumas opprimiam de asphixiante atmosphera de chumbo o velho mundo individual e social, de repente, alliviada, deixa apreciar meiga transparencia, logo, oxydado ar, pouco depois, esplen-

dido brilhantismo e no meio d'elle repercutindo-se aquelle memoravel echo do Céu, felicidade da terra—*Gloria in altissimis Deo, et in terra pax hominibus bonæ voluntatis.*

Havia chegado a hora suprema da felicidade geral. A consoladora promessa do Messias, feita a Adam decahido, na simples forma de que de sua posteridade havia de sair quem o levantasse; repetida por mais d'uma vez a Abraham expressamente escolhido d'entre o temeroso pélagos do polytheismo que ameaçava tudo submergir, para chefe do povo depositario do sagrado designio; luminosamente inspirada a Jacob, que, arrebatado pelo espirito prophetico, prediz a ventura de seu filho Judá, cuja tribu predominaria até ao tempo, em que, reinando um estrangeiro, d'ella saísse o Esperado das gentes; mais minuciosamente manifestada pela sublime inspiração de Isaias, a Jessé, que em sua familia veria a vara de que brotaria a Flôr; quasi evidenciada em David designado como tronco do Justo, que, concebido d'uma virgem, na pequena cidade de Bethlein deveria nascer;—a consoladora promessa do Messias, dizemos, assim providencialmente desenvolvida e conservada atravez dos tempos, attingira o ápice da sua evidencia e esplendor, tivera, n'uma palavra, sua benetica e almejada consummação.

A pobre gruta de Bethlein, com effeito, é o theatro do spectaculo mais edificante, que até áquelle tempo se tinha visto. Ahi correm os pequeninos no auge do entusiasmo que lhes vai n'alma, e os grandes, não menos commovidos, lá vam tambem depôr seu ouro, prestar suas homenagens. O mundo está salvo, porque n'elle vive o seu salvador. E d'então para cá, o coração do christão exulta de alegria; a noite de Natal é, porém, para elle, o condão mais precioso do seu rejubilo.

Não o sentis, leitor?

D. Netto.

A FÉ

tirada da theologia de S. Paulo

A fé é o interceptor que Deus interpe entre o absoluto das suas perfeições e a fraqueza da intelligencia humana.

PADRE SENNA FREITAS.

FÉ, eis o que S. Paulo recomendava aos Galatas.

A fé dizia elle aos Corinthios, faz os milagres: ella transporta os montes; humilde e gigante, ella faz do impossivel o possivel. Esta fé immortal é a força da *vol-*



POR UM!

tade, aquella energia do Pae em que se absorveu o sacrificio do Filho do homem.

A idéa da *fé* é a idéa capital na theologia de S. Paulo; e o apóstolo oppõe a fé christã á obediencia judaica e á sabedoria pagã.

A fé tem por base o amor na liberdade. Sem o amor, que tem sua raiz na liberdade, nenhuma fé existe, porque a fé imposta não é a fé verdadeira.

A fé, é o órgão da religião, é a boca pela qual a intelligencia humana entra em communicação com o Christo, e gosta com deleitação o Christo. E' o calix da flor da existencia, em que o Christianismo se ha desabrochado.

Deus é attraído para o homem pela fé, como o tufão é arrastado para o fundo do abysmo.

A fé é a piedade, o *eu do coração*, a fonte da comprehensão divina. E' como tal que S. Paulo a põe em contradicção com aquelles que pretendem mistural-a com a lei, e a apresentar como uma só e mesma coisa. Elle oppõe-se aos judeus e aos pagãos como um duplo es-

pelho da alma; o judeu n'ella vê a lei realisada, e o pagão a sabedoria.

A fé vac além das raias da natureza; eis porque, como consciencia da Divindade na alma humana, ella é essencialmente independente do raciocinio, que se funda sobre o encadeamento das deducções e procede segundo um principio fatalista, inherente á natureza das coisas.

A fé é livre, porque Deus é livre; e eis porque a fé não é originalmente natural, mas inteiramente espiritual.

Pela fé é-se *justo*, não por causa da ausencia do peccado, mas por causa da tendencia do espirito, da direcção da alma que aspira á divindade. Eis porque só pela fé se obtem a salvação, como membro da cidade celeste.

Pela fé entra-se duplamente em Jesus Christo, como n'aquelle que morreu por todos e para todos, que ressuscitou por todos e para todos; a fé guarda a dupla porta da existencia, abrindo os caminhos da vida e os caminhos da morte, que são um só e mesmo caminho de palengenesia sublime.

Pela fé morreu Adão, e ressuscitou o Christo; morreu Adão em Christo, que morreu por todos, e o Christo saiu d'Adão para conquistar a vida eterna.

Quem se corrompe no vicio não tem fé; porque a fé verdadeira é a pureza, a realisação da lei, a rectificação divina da sabedoria humana, a purificação de toda a existencia.

Na fé ha a esperanza, porque ha a certeza da presença do Christo. Se a lei origina a desesperação, se a sabedoria puramente humana dá o ser á duvida; da fé emana a confiança, que marcha apoiada na certeza do porvir.

Onde ha a fé, ahi ha o amor; onde ha o amor, ahi ha a liberdade; eis porque se extingue o temor, e com o temor a escravidão. O Christianismo está egualmente afastado assim dos fins exclusivos do mosaismo como dos fins corrompidos do paganismo.

Se no paganismo, Deus está originalmente comprehendido no seio do universo, mas logo confundido com o universo; se, no judaismo, Deus está originalmente comprehendido na lei religiosa e social, mas logo captivo á letra da lei; no Christianismo Deus está comprehendido intimamente no homem, na immortal natureza humana.

Tal é, benevolos leitores, simplificada, a fé, o ideal principal na theologia do grande apostolo S. Paulo.

J. C. de Faria e Castro.

Noticias de Nossa Senhora de Lourdes

I

PARGO tempo tem decorrido sem mimosearmos as nossas leitoras e os nossos leitores com um presentinho de noticias de Lourdes.

Perdoem-nos o delicto, que tem sido grande, ao qual Deus, como cremos, ha ministrado já um paternal castigo. Longe pois a reveldia á vara providencial, e tomando a penna, passemos a desvendar o oasis do Gaveaos tristes e desalentados viajores do deserto. Levantar pois as cabeças, christãos! Maria, a Immaculada, continúa protraahindo atravez dos seculos a sua altissima, suavissima e dulcissima missão.

Em Lourdes—alcaçar da Rainha dos Anjos—está-se a estas horas dando a ultima demão a um livro d'ouro, que levará ao soberano Pontífice os nomes d'aquelles que por intermedio de Nossa Senhora de Lourdes enviaram offerendas ao Sancto Padre solemnizando o grande jubiléo. Haverá ali nomes portuguezes? Se ha; era impossivel que não houvesse. Portugal é todo de Maria, é todo do Pontífice, ha de pois por mil modos attestar hoje, como sempre, a sua inabalavel fé. Ha pois no livro d'ouro nomes portuguezes, nomes viaranenses, que o testimunha cathegoricamente quem isto escreve, e o famoso livro, em 25 de novembro, archivava já, em offerendas espirituaes, 482:230 missas; 368:076 communhões; 998:855 rosarios; 2.293:294 boas obras, além de 60:545 francos, ou, em moeda portugueza, 11.019\$190 reis, destinados ao honorario da missa do Sancto Padre, sem fallarmos aqui n'um avultadissimo numero de primores artisticos, que por largo tempo permaneceram em exposição na gruta.

Apoz a derrocada, sacrilegamente feita na Porta Pia, centenaes de jornalistas gritaram stentoricamente pela garganta da imprensa: LE ROI EST MORT, sem que a este lemma addiccionassem outro que soe andar-lhe na companhia: VIVE LE ROI! Pobres jornalistas! Em assumptos de vaticinio nem chegais á craveira do Cagliostro. Vêde lá como o mundo catholico, o grande mundo catholico, não sómente com a voz, que pouco vale, mas simultaneamente com as obras, que valem tudo, então unisono: VIVE LE ROI!

Talvez os nervos se vos irriteem por este hossana que se eleva de todos os angulos da terra. Se assim é, carregai com a culpa que é vossa. Os catholicos fazem as suas festas, não em espeluncas, mas em plena luz, e admittem ao banquete todos os que quizerem vir, todos os de boa vontade.

Vinde pois, que o logar é amplo, cabem todos.

Ah! se viesses!... Como essa frente carregada de iras se havia de mudar em frente iriada de jubilo, e esse coração obumbrado de odios se inundaria em diluvio de consolações!...

Não sei porque artes iamos fugindo de Lourdes; voltemos pois ali como a delcitoso *rendez-vous*.

A igreja do Rosario, cujas despesas subiram já além de 300 contos, progrediu com rapidez vertiginosa. Parece—diziam ha pouco os Annaes—que durante a noite desceem os Anjos á montanha, talham a pedra, facetam-na, pullem-na, e vão collocal-a sobre as paredes e sobre os capiteis.

Actualmente apressa-se o zimborio central, em forma de corôa, ou antes de tiara em tres corôas. A primeira é uma galeria que circuita o zimborio, terminada por uma balaustrada aberta, ornada de flôres. A segunda consta de 16 janellas em rosa, entre cada uma das quaes se alteia uma columna encimada por um arco abatido. Estes arcos, reunindo-se por cima das janellas, simulam um diadema dextramente filigrinado. A terceira corôa é o feixo da cúpula, rematado por uma cruz de metal dourado, sobranceira áquella mole elegantissima de marmore.

As peregrinações succedem-se ininterruptamente, a môr parte das vezes coroadas pelos milagres da natureza e sempre pelos da graça, mais valiosos que aquelles.

Em 1884, monsenhor Gendreau, sagrado ha pouco bispo de Tonkin, viu-se abandonado da medecina. Em tão precario lance, munido já com os ultimos sacramentos, supplicou ao prelado que lh'os administrou szesse a mercê de resar por elle com os assistentes 9 Padre-Nossos e 9 Ave-Marias, em forma de novena, a Nossa Senhora de Lourdes, ao mesmo tempo que o illustre enfermo bebia algumas colheres da agua miraculosa. Nossa Senhora coroou mais uma vez com uma cura instantanea a fé vigorosa de seus servos.

Nos Annaes de novembro lemos a carta seguinte: «Rev.^{mo} Padre, ha alguns annos que me vi acommettida d'uma chaga escrofulosa espraiaando-se do estomago ao quadril. Por continuados mezes tentei os recursos da sciencia sem a menor vantagem, decidindo-me então a ir procurar valimento a Nossa Senhora de Lourdes. Prestou-se uma amiga minha a acompanhar-me, em face da imprudencia de viajar só em estado tão lastimavel. Penoso me foi o trajecto da viagem, mas cada vez sentia mais animada a minha esperanca.

«Em chegando, com todas as véras de minha alma implorei os auxilios de

Maria. Era n'aquelle tempo numeroso o concurso de peregrinos em Lourdes, o que me fez impossivel banhar-me n'uma das piscinas, tendo tão sómente de contentar-me com haver á mão algumas gottas d'agua devidas á diligencia da minha amiga. Lavei por tres vezes a chaga em honra da Trindade Santissima, collocando em seguida sobre a chaga uma compressa embebida na agua, e parti de Lourdes.

«Com que emoção, no dia seguinte, levantando a compressa, verifiquei que a chaga tinha desaparecido completamente sem deixar vestigios de cicatriz!

«Correram-me as lagrimas de alegria, e de joelhos agradei com oração fervente o beneficio da celestial bemfeitora.

«Alguns mezes mais tarde, cal desastrosamente d'uma carroagem, indo bater contra uma viga de madeira. Meiomorta, com o peito fracturado, fui levada em braços, sem mais esperança que a de fallecer em poucos instantes. De novo me vem ao pensamento o poder da minha boa Mãe; mando cobrir a parte lesada com um panno molhado na agua bendita, e dez minutos depois sinto-me de todo restabelecida, podendo ainda n'aquelle dia trabalhar como se nada tivesse soffrido!

«Reconhecida por estes divinos favores, todos os dias agradeço á Sancta Virgem o ter-se dignado olhar-me propiciamente, e visto que pessoa amiga me diz que a não publicação d'estes factos é privar d'uma gloria a nossa boa Mãe, e os fideis d'um motivo de edificação, envio-vos, Rev.º Padre, a narração d'elles, ficando-vos livre fazer d'ella o uso que julgardes conveniente.

—*Angelica Miece.*»

(*Continúa.*)

E. J.

SECÇÃO CRITICA

Coisas! Coisas!

«O jornal de dez réis dava ha dias a seguinte noticia:

«Por intermedio do prelado (do Ex.º e R.º Sr. Bispo-Conde, devera dizer se fosse bem educado) da diocese de Coimbra, foi entregue em nome de S. M. a Rainha, uma esmola de 100\$000 réis ás pobres senhoras recolhidas no convento das Carmelitas de Aveiro e que se encontram em circumstancias muitissimo precarias.»

Vem a Rainha matar a fome ás pobres religiosas, depois do Rei, com a sua assignatura, decretar, para as freiras carmelitas de Aveiro, a fome nos ultimos annos!

E andam n'isto ha meio seculo os

reis e os governos de Portugal—a matar freiras á fome! E não somos nós, os reaccionarios, que nos revoltamos contra um tão torpe attentado: de longe vem já o clamor contra a tyrannia, contra a prepotencia, contra o selvagismo dos atheissimos e maçonissimos libertadores de Portugal. Alexandre Herculano, o idolo mais predilecto dos liberalissimos que opprimem este reino, dizia ha muitos annos, n'uma carta escripta ao redactor do *Portuguez*, fallando da miseria a que o governo de então lançara as freiras de Lorrvão, entre outras as seguintes palavras, que é bom recordar aqui, porque nem todos os nossos leitores as saberão:

«Ha poucos dias passou-se em Lorrvão uma scena tremenda. N'um accesso de desesperação, parte d'estas desgraçadas (as freiras), queriam tumultuariamente romper a clausura: queriam ir pedir pão pelas cercanias. Custou muito contel-as: tinha-se apoderado d'ellas uma grande ambição: aspiravam á felicidade do mendigo, que póde appellar para a compaixão humana; que póde fazer-se escutar de porta em porta. Era uma vantagem enorme que obtinham. A sua voz é demasiado fraca, e os muros de Lorrvão demasiado espessos. Gemidos, brados, prantos, tudo é devorado por este tumulto de vivos. Ao meos surgiam como Lazaro da sua sepultura.»

E acrescentava o notavel historiador, patenteando a indignação que lhe ia na alma:

«Gemidos, brados, prantos, nada d'isso chega aos ouvidos dos homens que exercem o poder n'esta terra; nada d'isso os incommoda. Entretanto se eu fallasse com elles, dar-lhes-hia um conselho. Talvez o ouvissem, porque a minha voz é um pouco mais forte, que a das velhas freiras. Era o de enviarem aqui sessenta soldados, formarem as monjas de Lorrvão em linha no adro da igreja, e mandarem-lhes dar tres descargas cerradas. Desapparecia, a troco de poucos arrateis de polvora, um grande escandalo...»

Assim fallava Herculano nos primeiros annos da revolução em Portugal, aconselhando aos revolucionarios da gema antes o fuzilar as freiras do que deixal-as morrer de fome, e hoje, tantos annos decorridos temos de repetir as suas palavras, porque meio seculo de bandoleirismo não bastou ainda para saciar as hordas selvaticas e esfomeadas do liberalismo portuguez.

Quando findará a rapacidade dos libertadores de Portugal? Quando despirão os habitos ferozes dos povos barbaros para se mostrarem civilizados e dignos da communhão das nações da Europa, que deixam morrer nas suas sellas as Virgens do Senhor, sem exer-

cerem para com ellas o mister dos salteadores da Calabria? Quando, governadores de Portugal, deixareis de cubigar o alheio, e não matareis á fome quem demais tinha para si e para os pobresinhos?

Será uma obra de caridade a esmola que cae das dobras do regio manto na mão secca e mirrada das freiras que eram ricas? Não, mil vezes não!

Vá uma noticia em prol das Irmãs da Caridade, ainda que tardia, porque nós, apesar da mania de lér gazetas, nem sempre trazemos o trabalho em dia; mas, ou tarde ou cedo, as que nos chegam á mão, vêem a luz da publicidade n'esta secção a que, já agora, dediquemos uma parte do tempo de que podemos dispor.

E', pois, de Irmãs de Caridade que vou fallar, e por tanto bom é que os amigos das ricas herdeiras se vão collocando a postos para as prevenir, não vá o jesuitismo, com estas noticias, armar o anzol para pescar grandes dotes, de que já tem os cofres cheios, seguindo certas linguas da liberalissima maçonaria.

Mas, venha a noticia:

«No dia 21 de novembro a Superiora do convento das Irmãs da Caridade de Gratz, Soror Leopolda, celebrou o quinquagesimo anniversario da sua profissão. Numerosas felicitações lhe foram dirigidas pelo telegrapho, da Austria, da França, Allemanha, Belgica e d'outras nações; mas o que consolou sobretudo a religiosa communidade foi um cordialissimo telegramma do Imperador Francisco José, que quiz tambem tomar parte na sancta alegria das Irmãs da Caridade, e exprimir-lhe a sua sympathia na pessoa da superiora. A noite o convento foi brilhantemente illuminado.»

As primeiras nações da Europa a dirigirem felicitações a uma Irmã de Caridade! E até o imperador da Austria consolou com suas homenagens a filha da caridade!

Mas apesar de tudo isto, ha certos *meninos*, que o cavallo em que monta o imperador Francisco José afastaria do caminho com as patas, que têm a pedantesca ousadia, a palermissima tonteria de dizer, de escrever uma palavra em menoscabo das Irmãs da Caridade! Cousas d'este mundo, mas do mundo de miserias, que só miseraveis mostra!

Saudando a Irmã Leopolda do convento de Gratz, saudamos todas as Irmãs da Caridade, porque saudamos a virtude, a abnegação, o heroismo.

E aos inimigos das santas mulheres desejamos-lhes paciencia para soffrerem estes contratemplos.

* * *

D'um cavalheirismo extraordinariamente fino, estes jornalistas da nossa terra, d'esta terra portugueza que sempre timbrara de fidalguia e boa educação. A's vezes, lendo-se certos arremedos da imprensa de Portugal, julga-se a gente em terras onde a luz da civilisação se não projectara ainda, onde o brado sublime de liberdade, ha mais de dezoito seculos soltado no Calvario, se não fizera ouvir. Continua a dominar os espiritos a mais atroz das tyrannias, e a ofuscar as intelligencias a treva mais atroz, mais espessa. E' que certos escreviuadores de periodicos sabem melhor que a penna, manejar o marmeleiro dos contractadores de gado, prompto sempre a decidir questões nos mercados, onde o cacete varre as questões, como o vinho varre o tino da mioleira dos gladiadores.

E por isso, e é d'estes taes, que nós encontramos, como agora, por exemplo, no *Correio de Pombal*, o seguinte bocadinho, que basta para mostrar o atraso, o canibalismo de uma grande parte dos *jornalistas* portuguezes:

«Conta um collega que o arcebispo de Larissa, prelado coadjutor e futuro successor da mitra de Lamego, vae publicar uma pastoral ao cabido, parochos e fleis da sua diocese exortando-os a ouvirem a palavra dos *inclitos* padres do Varatojo que em missão evangelica vão aquella diocese.

Parece impossivel! Para que serve então o clero da diocese? Admitte-se e tolera-se que os fanaticos do Varatojo vão perverter as povoações impunemente?

Pois que o povo de Lamego corra a pau os taes varatojanos, já que o seu bispo, desconsidera assim o clero da diocese, declarando indiretamente os parochos e seus coadjutores, incompetentes para guiar as almas.»—(*Correio de Pombal*, n.º 86, de 15 de dezembro de 1887).

São assim os amigos das luzes, e os amigos do clero de Lamego. Onde se foi aquartelar um amigo do clero!!

Estas gazetas sempre dizem cousas, que a gente, ás vezes, nem bem crê n'ellas. Ora vejam lá os meus caros leitores o que encontrei ha dias n'uma d'ellas, uma noticia transmittida de Roma no dia 20 de dezembro, que, francamente, não é para se tomar a serio á primeira vista. Era assim concebida:

«Roma, 20.—Em vista do incremento consideravel que toma a emigração italiana, principalmente para a America do Sul, o governo vai propor energicas medidas legislativas para a difficultar.

No espaço de meio anno, emigraram de Italia mais de 100:000 pessoas.»

Lendo-a fiquei atrapalhado e perguntei-me a razão porque os povos italia-

nos deixavam o seu formoso céo, as aguas crystalinas dos seus lagos e canaes; mas não atinava com a causa de tal emigração. A final interroguei um amigo, que de cousas da Italia mais que eu está informado, e eis o que elle me respondeu:

«A Italia, desde que a domina o governo paternal dos patriotas, que escalaram a Porta Pia em Roma, não está satisfeita, e os italianos receiam a cada momento ver as portas das suas casas escaladas, porque lhe não conhecem mais segurança, perante o direito das gentes, do que linha a Porta Pia. Não se julgam seguros, e vêem, além d'isso, mal remunerados os seus trabalhos, crendo tudo amaldiçoado quanto está sob o formoso céo da peninsula italiana. E fogem, abandonam seus lares e familias e vão longe da patria curtir saudades dos tempos em que os Papas eram senhores de Roma e d'uma boa parte de Italia, protestando não voltarem em quanto o Papa não fôr livre.

Tem medo de carregar com o anathema que pesa sobre os expoliadores do patrimonio da Igreja, e não tem, isto é que é a verdade, com que satisfazer as exigencias do fisco, que tudo leva, deixando por patrimonio ao povo a fome e todos os horrores que a acompanham. Por isso emigram aos 100 mil, para não viverem na Italia, que não é a Italia dos italianos.»

Fiquei abysmado ouvindo o meu amigo, porque julgava ser verdade o que as gazetas me diziam—que os povos estavam a nadar em mar de rozas com o governo liberasta, e que olhavam ainda com horror o governo paternal dos Santos Pontífices.

Como a gente se engana! Vá lá alguem crer nas gazetas, mormente quando ellas são de bico revolto, das que não veem o Papa em Roma e só os deslumbra o brillantismo dos *italianisimos* do Quirinal.

Dou razão ao meu amigo e vejo como elle, na pasmosa emigração italiana o descontentamento dos povos em face do estado actual em que se achia a Italia.

Cem mil emigrados em 6 mezes é de fazer arripiar os cabellos aos que julgam possivel a Italia sem o Papa-Rei! Pobre Italia!

Um leitor de gazetas.

Carta da Madeira

DIA 21 de novembro de 1887 ficará gravado na historia d'esta desventurada terra com letras de sangue!..

N'esse dia com effeito cairam mortos alguns homens no adro

da igreja do Caniço; um esmagado por uma grande pedra, outros varados pelas balas. Mas qual a causa d'esta triste scena de sangue e de lucto? O desvairamento do povo, arrastado pelas más ideas d'outros desvairados que mettem os cães á moita e ficam a rir-se no quartel da saude. O povo d'aquella freguezia e d'outras duas limitrophes, Gauda e Camacho, amotinou-se porque lhe metteram em cabeça que a Junta de parochia ia lançar impostos sobre tudo, não escapando os porcos e as gallinhas!..

Correu então desesperado á residencia parochial, onde pensava estar reunida a junta, mas como o parochio lhe mostrasse toda a casa, não encontrando ninguem quiz ir á igreja, que é pegada, e como lá não achasse tambem viva alma, retirou-se, não muito em paz, vomitando suas ameaças. Isto foi no dia 20 á noite. No dia 21 correu de novo em maior numero e já engrossado com povo das outras duas freguezias e como encontrasse força armada mais se exaltou, começando a despedir pedras contra a residencia, onde se tinha recolhido o administrador do concelho de Santa Cruz, a ponto de serem quebradas todas as vidraças. Um malvado atirou á cabeça d'um soldado enorme lage que o prostrou morto, fracturando-lhe o craneo e foi só então que o commandante deu voz de fogo, caindo alguns populares, 3 mortos e outros feridos, mais ou menos gravemente. Eis aqui como se fazem victimas e ficam viuvas e orphãos depois de um desastre d'esta natureza.

Os responsaveis d'estes tristes successos são os novos socialistas que por ali andam em prégações continuadas, lançando nos seus jornaes toda a casta de infamias que inflamam o povo rude e que não comprehende as manobras d'estes especuladores. O povo morre e elles ficam a gritar sempre para prepararem novas victimas.

As auctoridades locais tambem não são isemptas de culpa, porque exploram o povo sem piedade e quasi sempre o tractam com desprezo. O mesmo parochio tem culpas no cartorio, procurando mais os emolumentos do que o ensino e o trabalho. Se se prérgasse sempre a doutrina do evangelho, se se ensinassem sempre as creancinhas, se se acolhessem todos com affabilidade e amor de certo o povo amaria mais os seus pastores. Mas não é essa a regra geral e por isso não admira que haja d'estes tristes casos.

—Outra noticia melhor é que já temos esperanza de conegos para a Sé, o que deve alegrar todos os catholicos, que viam com grande pena a cathedral deserta e nem ao menos com missa coral. Foi até por isso que o nosso Ex.º

Prelado escolheu a egreja do collegio para fazer as suas predicas do Advento.

Alli tem ido com os alumnos do Seminario que cantam no côro, sendo o celebrante tambem um padre do Seminario. Ainda bem que assim é supprida a falta da Sé.

S. Ex.^a Rev.^{ma} tem fallado sobre a necessidade de ouvir, meditar e practicar a palavra de Deus. E' escusado dizer que tem havido sempre avultado concurso de fleis que com a maior attenção e prazer tem assistido a estas instructivas prégões.

—Os alumnos do Lyceu d'esta cidade festejaram o 1.º de Dezembro com musica, foguetes, teatro e *Te-Deum*. A musica da egreja foi admiravel e até uns marinheiros italianos que assistiram ficaram espantados de encontrar aqui, n'esta ilha escondida no meio do oceano, uns artistas tão distinctos. Disseram que nunca na Italia ouviram coisa assim!

—O berreiro da imprensa lisboeta contra o illustre Patriarcha teve aqui o seu echo. Os maçonicos e republicueiros de cá mostraram tambem sua boa vontade, mas coitados perderam o tempo, a tinta e o papel. Os bons catholicos sentem-se satisfeitos e bem dizem o dignissimo Cardeal. Bem haja elle.

Funchal 5 de Dezembro de 1887.

Um constante leitor.

SECÇÃO LITTERARIA

A mãe do Parocho

GIL-A ao fundo do valle, coroando pequena collina a egreja parochial. Destaca-lhe no azul do céu o airoso campanario, rematado por esbelta cruz doirada.

Está novinha a egreja. Por sua morte, legou o abbade velho, que hoje *dorme* n'uma campa do presbyterio, a somma sufficiente para a obra. Economias de sessenta annos de pobreza.

Desde 1440 data o campanario, que esteve já condemnado á demolição. Reclamaram os velhos do logar, que sempre assim o conheceram. Escapou a final o rustico monumento, e foi bom. Faltava-lhe porém a cruz derribada em tempo da revolução.

Desde então ninguem se afoitou a repol-a, lá no alto da flecha.

Um anno havia depois que em a nova egreja se recebera Joanninha, nascida e creada á sombra do vetusto campanario. Ainda o Senhor lhe não havia concedido com que occupasse o bercinho.

«Em sendo mãe, disse um dia, hei-de eu dar a cruz para a torre».

Abençoada foi Joanna mais o seu ber-

co, que Deus o bom Deus queria la no alto a cruz.

«E se fosse doirada?» aventurou o architecto que da cidade viera para collocar a cruz.—«Se tiver um menino, respondeu Joanninha, mandal-a-ei doirar». E mandou.

Chamou-se João ao menino. No dia do baptizado, diziam os convidados: «que pena não haver sinos para os repiques!» — «E' verdade», confirmou Joanninha,— ainda o menino João não fallava, quando o campanario mudo ha perto d'um seculo, desatou as vozes argentinas dos sinos.

*

—«Joãosinho, que has-de tu ser quando fores homem?»

—Padre.

—E por que é que tu queres ser padre?

—Para ser como o senhor abbade.

—E's tu muito amigo de Deus?

—Eu sou, como quer a Maman.

—E como é que maman quer que tu sejas amigo de Deus?

—De todo o coração.

—E tu amas a Deus de todo o coração?

—Sim, amo o bom Deus de todo o coração.»

*

João tinha medrado, e já na aldêa ninguem lhe chamava «Joãosinho», senão «snr. João».

Comtudo e apezar do tratamento, «snr. João» ficava sempre «Joãosinho» no fundo do coração.

So o respeito impunha o tratamento de «snr.», e quando elle chegava calavam-se os rapazes, e mais queriam-lhe muito: tanta era a candura do semblante e a pureza das vistas n'aquella creança, que a presença d'elle era uma censura viva.

Quando foi á primeira communhão, «parecia, diziam, S. Luiz Gonzaga». Esta foi a voz do povo que raro s'engana.

Juncto do altar, vieram ao encontro no peito do joven commungante, João, o filho de Joanninha, e Jesus o filho de Deus. Fallaram-se estes dois corações; e viva de vera ser a centelha d'amor que d'um saltou ao outro em tam intima união!

So os anjos poderiam pintar semelhante scena: Deus envolvendo em sua divindade o menino; e o menino, subindo até Deus, apezar de sua pequenez e fraqueza, e unindo-se estreitamente com Deus.

... Entrou Deus uma vez, e não mais de la safu.

—«A maman quando ha-de mandar-me para o seminario?»

—Meu filho, quando tu quizeres.

—Parece-me, maman, que é vontade

do Senhor entre eu agora no fim das ferias.

—Pois seja agora, meu filho, e Joanninha depoz um osculo na fronte do filho, e duas lagrimas lhe subiram do coração aos olhos. Não eram amargas estas lagrimas, eram lagrimas de mãe.

Comtudo, no dia da partida, depois de o acompanhar na estrada erma até onde poderam agoentar suas pernas já enfraquecidas, quando voltou a casa e não viu mais o seu João, seu unico filho, foi-lhe precisa toda a energia d'alma para não succumbir deante d'este mesino leito do filho, onde todas as noites vinha fazer-lhe na fronte o signal da cruz, e dizer-lhe com os labios quanto no coração o amava.

—Chorou silenciosamente.

Quando a noite chegou, ainda la jazia a mãe: não se mexeu d'ali, nem falou durante esse tempo.

Quando a despertaram, levantou-se, desprende o crucifixo que protegia o leito de seu filho desde o nascimento d'elle, collocou-o sobre o travesseiro onde na vespera ainda repousava a cabeça d'aquelle filho, depois abraçando-lhe os pés traspassados, com voz firme pronunciou:

«Seja elle todo inteiro para vós, ó meu Jesus!»

Duro foi o sacrificio; porém uma vez consummado, assim ficou e para sempre.

(Continua)

Ernesto Delloye.

SECÇÃO ILLUSTRADA

X

A Resignação—Faça-se a vontade de Deus

G'MAGNIFICA de piedade e unção religiosa a primeira gravura do n.º 4 da nossa Revista! Representa um bom velho, a quem os annos enrugaram a fronte e cobriram de neve a cabeça, sentado na sua cadeira, esquecido já das cousas da terra, aspirando só á eterna felicidade, que espera encontrar além da campa, passando as contas do seu roزاری, que é a verdadeira estrada para o céu.

Feliz quem assim sabe, pôde e quer passar, pelo menos, alguns dias de vida! O roزاری! Quem não acha consolação n'esse devoto passa-tempo? Se eu podesse, com essa gravura, afervorar tão bella devoção, mais feliz me julgava. Porque o roزاری é o leme mais seguro na vida, é a véla que melhor nos conduz ao desejado porto, é o piloto mais experimentado, que nos livra dos embravecidos mares da vida.

Tenhamos por companheiro o roza-rio!

XI

Os morcegos

Foi mal posto o titulo da segunda gravura do nosso n.º 4. Ainda que tudo venha a dar no mesmo, nós chamalhe-hemos antes Os vampiros. Sim, os vampiros, seja.

O vampiro serve-se do palor das tre-

festejar melhor este ou aquelle santo, e vae, acto continuo, fechar-lhe as portas do templo onde ellas desejam celebrar a sua festa, é um vampiro. Este outro, que leu um artigo de jornal, que lhe não agradou, que indirectamente lhe ha ferido o seu amor proprio, e vae nas praças, nos cafés e até na imprensa, maldizer essa publicação, é um vampiro. Ainda ha mais vampiros, e sejam estes os ultimos; os que doestam, maldizem, calumniam este ou aquelle padre, porque os reprehende de seus des- varios, porque lhe afastou do caminho

XII

O tunel do monte Cenis

Entre a França e a Italia ergue-se imponente o monte Cenis, n'uma altura de 3:500 metros. Atravessado por um grande tunel de 12:850 metros de comprimento, põe hoje em rapida e facil comunicação a França com a peninsula italiana, fazendo o trajecto em 25 minutos!

A idéa da perfuração do monte Cenis data de 1832, mas só em 31 de



A BOA FILHA

vas para sugar o sangue da sua presa, umas vezes, outras para lhe roubar a bolsa e a vida, e outras ainda, para lhe tirar a honra, o que é peor. Elha-os de muitas formas e feitios.

O estouvado, o descrente, que se incommoda vendo umas Filhas de Maria, prostradas no templo, rendendo culto à Rainha das Virgens, e vem para fóra combinar o meio de as perder, é um vampiro. Outro, que encontra duas senhoras á porta do templo fallando das suas devoções, combinando o modo de

a pomba innocente, que elles quizeram immolar, porque um dia lhe apontou o caminho da honra e do dever, que elles não querem nem sabem seguir.

E ainda ha mais; mas siquem só apontados estes, e isto com o unico fim de mostrar, que não era de historia natural que nós nos queriamos occupar, dando a mencionada gravura.

agosto de 1857 é que se lhe deu principio, sendo inaugurado este caminho em setembro de 1857.

A meio do tunel ha uma estação telegraphica, que fica a 705 kilometros de Pariz, e a 3037 de S. Petersburgo.

Esta é das obras mais gigantescas que se tem feito em caminhos de ferro. A nossa ultima gravura do n.º 4 d'este anno dá uma idéa do terreno, do tunel e da linha.

SECÇÃO NECROLOGICA



UM dos nossos mais dedicados amigos, e dos que mais se lembram do *Progresso Catholico* acabamos de receber uma carta que deveras nos contrista, como nos contrista tudo que enluta qualquer dos nossos amigos.

Apresentando-a aos nossos leitores, repetimos o pedido que o nosso amigo a todos faz, e damos ao poeta eminente os mais sinceros pesames.

Eis a carta:

«Meu amigo:

Atravessou hontem as portas do cemiterio, para repousar sobre o pó funebre e a sombra de uma cruz, meu tio, o snr. Padre Francisco Ferreira de Abreu, assignante e assiduo leitor do nosso *Progresso Catholico*.

Fôra educado em Estremoz, pelos padres da Congregação do Oratorio (S. Felippe Neri), uns *ignorantões* da craveira dos... Jesuitas!...

havendo concluido a sua ordenação, pouco antes, deixou Estremoz e os seus mestres,—com que enternecimento se não lembrou sempre d'elles!...—quando as ordens religiosas foram, entre nós, extinctas. Por esta circumstancia, foi sempre havido por egresso.

Era um conversador animado e infatigavel!

Tendo herdado dos paes, alguns bens de fortuna, só interinamente, e sempre por obediencia aos Prelados, exerceu o officio de parochio. Nutria pelo munus pastoral, uma reverencia, que tocava as raías do pavôr. *Ars artium!*

Comprazia-se no recolhimento da vida intima, e na familiaridade do seu breviario.

havendo eu nascido, em pouco favoraveis condicções de vida, foi das suas mãos, que, em tão periclitante conjunctura, recebi a infusão das aguas baptismaes.

Sem faltar á justiça, na distribuição dos seus obsequios, entre todos os sobrinhos, cercou-me sempre de particular preferencia e sympathia.

Raro me abraçou, em despedida, que os olhos se lhe não orvalhassem de lagrimas.

Sempre que nos visitavamos, as nossas palestras corriam diffusas e affectuosas.

Recapitulando hoje minudencias, que põem nas relações intimas, um doce e singular matiz, sinto melancolicamente accender-se mais vivo e saudoso, o

meu inalteravel reconhecimento, por irrefragaveis testemunhos de benevolencia.

De estatura apumada, dentadura completa e solida, sem muitos cabellos brancos, e de faculdades bastante limpidas, a despeito dos seus 78 annos, promettia bastante vida ainda.

Arrastado ao leito, por uma pneumonia, nas funções do seu organismo depauperado e arrefecido pela idade, não poude infelizmente corresponder aos esforços da sciencia, com uma reacção energica e triumphante.

Preparado pelo conforto dos Sacramentos, e ao fim de uma existencia, nem sempre isempta de dolorosas amarguras, restituiu-se ás mãos de Deus, com a confiança dos homens de crenças fortes e inabalaveis.

Entre as sombras de que me ennoita a perda do amigo mais ainda, do que a do parente, consinta V. que no grito funebre do nosso periodico, peça eu, a todos os leitores, uma singela prece, pelo descanso do meu saudoso e querido finado.

Que esse orvalho do ceo, caindo sobre uma modesta lapide, lhe seja á alma de allivio; e que elle possa eternamente responder, na santa paz dos eleitos. *I sinu Domini.*

Cintra, 25 de dezembro.

Mattos Ferreira.»

Não admira que haja sempre campas abertas onde tenhamos de desfolhar saudades, e uma cruz erguida de mais, aos pés da qual tenhamos de ajoelhar-nos, porque são muitos os amigos do *Progresso Catholico*.

Uma das mais dedicadas leitoras da nossa Revista, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Anna Gonçalves, na florente idade de vinte e sete annos, voou á mansão celeste, depois de receber todos os Sacramentos da Igreja, no dia 25 de novembro passado, deixando a todos confundidos com a resignação e paz de espirito com que deixou a terra.

Esta piedosa senhora era irmã de duas piedosissimas senhoras, nossas amigas, que hoje residem na Casa do Bom Pastor, no Porto, onde devem fazer parte já d'essa sublime pleiade de heroínas, que, envoltas no alvissimo habito que usam, espalham consolações por toda a parte e são amparo e refugio de muitas infelizes.

A's duas religiosas, que de bom grado deixaram o mundo para irem infleirar-se n'essa formosa falange, e ao nosso amigo o Ex.^{mo} Snr. Antonio d'Andrade, enviamos pesames sentidos, e aos leitores supplicamos as preces costumadas pela alma da juvenil senhora, que tão bem sabia cumprir os deveres de mulher christã.

Outro amigo nosso enlutado, o R.^{mo} Snr. Padre João de Deus de Souza Ferraz, reitor de S. Martinho de Gallegos, pelo fallecimento de sua estremecida mãe. Conhecendo o quanto custa a perda de um ente querido, damos ao nosso amigo o que podemos—as nossas orações orvalhadas com o pranto que lhe offertamos, manifestando lhe que são puras e sinceras, como são todas as orações que brotam dos labios de quem sente consolação quando reza. E aos nossos leitores pedimos nos acompanhem, para que por nós algum ore, quando o nosso passamento se anunciar.

Temos noticia de mais fallecimentos, mas ficam para o n.º seguinte.

RETROSPECTO DA QUINZENA

COMO era impossivel, no passado numero, haver outras felicitações que não as dirigidas ao Santissimo Padre Leão XIII, não fizemos os costumados cumprimentos de Boas Festas aos nossos amigos, o que fazemos hoje, pedindo desculpa de o não fazer em devido tempo.

A todos os nossos collaboradores, pois, a todas as pessoas, que por qualquer forma se tornam amigos do *Progresso Catholico*, e a todos os nossos leitores em geral, desejamos BOAS FESTAS NATALICIAS, BONS ANNOS, e todas as felicidades, na paz de Nosso Senhor, sem a qual nada valem as alegrias da terra.

Vae tudo raso com festas; por toda a cidade de Roma se observam peregrinos, que aos centenares de milhares, vão á cidade eterna assistir ás grandiosas festas, e prestar homenagem ao maior vulto d'este seculo, o Grande Pontífice, Leão XIII! Os mesmos jornaes inimigos do Papado, esses mesmos, os que não queriam a principio fallar do Jubileu Sacerdotal do immortal Pontífice, esses mesmos não tiveram outro remedio, para satisfazer á curiosidade de seus leitores, e para não serem tidos por retrogradados diante da mais estupenda manifestação de affecto que os annaes de todos os seculos registam, se não fallar das festas de Roma, dão detalhadas noticias de tudo que ali se passa, transcrevem os telegrammas que o telegrapho todos os dias transmite ácerca do grandioso acontecimento.

São aos milhares os peregrinos; os comboios chegados a Roma contam-se ás centenas, estando, por isso, na cidade dos Papas, nos ultimos dias do anno, mais de cem mil peregrinos!!

Os jornaes da geringonça cá dos nossos lados admiram-se, fazem um pasmo de arrepiar os cabellos, (os d'elles),

por que os governos protestantes mandam seus representantes a Roma, para se associarem ás grandes festas, e mostram o quanto seus governos se associam ao regosijo universal. Admiram-se! Coitados!

Os presentes enviados a Sua Santidade são em tal abundancia, que, o Vaticano, essa grande cidade emparedada, julga-se pequena para os conter. Alem do que temos annuciado, e do que havemos de annunciar nos seguintes numeros, damos hoje as offeras da Diocese de Coimbra:

«Da parte do Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Snr. bispo-conde, dois primorosos vasos feitos na fabrica da Vista-Alegre, e doze lindissimas jarras com o emblema do Papado, feitas na Real Fabrica da Marinha Grande; do clero da diocese, cinco calices, tres turibulos e navetas, duas caldeirinhas e dois pares de galhetas, tudo de prata lavrada, objectos de muito merecimento artistico, principalmente dois calices, que figuraram em uma das exposições do Porto, fabricados na importante casa da Viuva Moreira & Filho; da snr.^a D. Ignacia Villa Real, uma toalha para altar, de bretanha de linho, com riquissimas rendas; do convento de Santa Thereza, um veo para calix, de lhama de prata bordada a ouro; do rev. capellão d'este convento, uma bolsa para corporaes, de seda branca bordada a ouro; do convento das Carmelitas, de Aveiro, um quadro bordado a seda e filigrana, em fórma de altar, com a pintura de Santa Thereza; do Collegio de Santa Joanna, da mesma cidade, um magnifico quadro; do convento de Sant'Anna, de Leiria, um corporal de linho finissimo mimosamente bordado a branco; do convento de Semide, uma teia de linho muito fino, fiado pela superiora, seis bellos ramos de flores artificiaes para altar, e seis laminas com as imagens do Menino Jesus, Santo Antonio e S. José; e finalmente, do Seminario Episcopal, uma collecção das «Instituições Christãs», ricamente encadernada, e algumas vistas photographicas dos edificios.»

E do estrangeiro podemos desde já enumerar as seguintes offeras:

Do conde D. Francisco Messino de Malta, um riquissimo pastoral gotico de prata dourada, com esmaltes e pedras preciosas, relevos e nichos goticos.

Da diocese de Florença, um magnifico baixo relevo representando a oração de Jesus em Gethsemain.

Do arcebispo de Florença, como dom pessoal, uma fotografia da Bulla de União, que poz termo ao concilio de Florença.

Do padre Cecchi, o seu sismographo.

Do principe Lourenço Cersini, as copias dos dois baixos relevos de Danatello, representando o Menino Deus e S. João Baptista.

Da familia Gerini, um magnifico ostensorio.

Do duque de S. Clemente, 10 pixides.

São innumerables as vestes sacerdotaes e os objectos de culto enviados pela diocese de Florença.

Da diocese de Cuenca, em Hespanha, um missal, que é uma obra d'arte maravilhosa.

Da rainha regente de Hespanha, um escudo pontifical, com um brilhante enorme no centro e o nome de Leão XIII, inscripto em saifras.

Da infanta D. Izabel, uma grande cruz peitoral e uma grossa cadeia de aneis de ouro.

Do consul da Dinamarca em Madrid, grande porção de garrafas de vinho de Malaga, que tem cem annos d'idade.

O bispo e a aristocracia de S. Luiz de Cotosi enviam um calice riquissimo em que combinam o oiro e a prata e as pedras preciosas.

Liorne manda um missal de prata cizelado de prata em valor superior a 500.5000 reis, quadros de alguns dos seus pintores, representando um d'elles uma casa em que Leão XIII habitou por algum tempo, quando era cardeal;

dois calices, um ostensorio, muitos paramentos, instrumentos fisicos necessarios para as missões, presente da Sociedade Catholica Operaria.

A diocese de Conversano (italiana) envia igualmente dadas encantadoras, entre outras um calice de oiro riquissimo com peso não inferior a 800 grammas, uma estola lhama de prata, etc.

Uma das homenagens que o Papa tem recebido e que mais o commoveram, foi uma mensagem de felicitação, enviada pelos indios Pelles Vermelhas, convertidos ao cristianismo.

Do jornal official da Exposição principiaremos breve a transcrever as principaes noticias.

É uma cousa nunca vista; é o facto mais espantoso que este seculo tem presenciado! E os jornaes da materia a dar-lhe pouca importancia, quando as corôas caem aos pés do Papa, quando as preciosidades de todo o mundo enriquecem as galerias do Vaticano.

Hoje ficamos por aqui, mas creiam os nossos leitores, que ninguem melhor que nós, os informará da grande exposição do Vaticano.

Não sabem os nossos leitores?! Alcançamos um amigo, e dos que militam em contrario campo. O *(Im) Parcial de Coimbra* botou artigo de reclame a favor do *Progresso Catholico!* Sem o que-erer, talvez por teimosia chamou ao nosso *Progresso*, pharisaico, reaccionario, e... pasmoso, até miguelista! Isto, na bocca de tal *santarrão!* é o melhor dos reclames; e já produziu seu effeito. Muito obrigado.

Quanto ao mais, como sabemos quem encommendou a obra e o artista que a fez, deixamos o resto para occasião melhor. Não acha acertada esta nossa resolução, snr. *(Im) Parcial?*

Foi nomeado e tomou posse no dia 31 de dezembro ultimo do cargo de Commissario da Veneravel Ordem 3.^a de S. Francisco de Guimarães, o nosso antigo amigo Padre Antonio Joaquim Rodrigues de Carvalho, conceituado ecclesiastico de Mondim de Basto, e bastante conhecido n'esta cidade, porque durante alguns annos exerceu as funções de capellão-coral na Real Collegiada de N. S. da Oliveira.

Dando os nossos parabens ao novo Commissario, congratulamo-nos com todos os nossos irmãos pela acertada escolha, esperando que os bons serviços prestados á Ordem sejam desculpa para quem se lembrou de tirar o nosso amigo de em meio das suas arvores frondentes.

Apezar de tarde vamos dar a nossos leitores e ás nossas leitoras, principalmente, uma boa noticia.

No dia 8 de dezembro passado, no convento de Tentugal, perto de Coimbra, instalou-se canonicamente a Pia União das Filhas de Maria, tendo sido aggregada á Primaria de Roma no dia 14 de novembro. Ficaram fazendo parte d'aquelle sodalicio 9 Filhas de Maria e 3 aspirantes.

A festa foi imponente, edificante e bastante commovente. Constou de missa cantada e sermão, feito pelo nosso amigo e amigo do *Progresso Catholico* o R.^{mo} Padre Antonio Ribeiro de S. Miguel. A *Magnificat* e hymnos mencionados no *Manual da Pia União* foram cantados pelas meninas alumnas da missão, ajudadas e ensaiadas pela virtuosissima Irmã Justina Maria, directora da casa, e pertencente á Congregação da Missão.

Precedera a festa um triduo preparatorio, a que assistiram não só as que haviam ser Filhas de Maria, mas muitas outras pessoas que se associaram a uma tão pia manifestação de amor para com a Santissima Virgem.

Ao nosso bom amigo o R.^{mo} Snr. Padre S. Miguel os nossos parabens e agradecimentos por concorrer para a difusão da mais santa e sympathica devoção, não os regateando ao Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. Bispo-Conde, sem o consentimento de quem se não poderia canonicamente estabelecer em Tentugal a Pia União.

E, finalisamos louvando ao Senhor, por ver que vae produzindo bons fructos o nosso plano—estender esta associação por toda a parte,—sentindo muito, ter tropeçado com obstaculos

bastantes, postos por aquelles que mais deveriam ajudar-nos, por isso que não veem nos nossos desejos mais que a boa vontade de fazer bem, ainda mesmo à custa de muitos sacrificios e despesas.

Mas não desanimamos e esperamos que a Santissima Virgem nos hade dar a gloria de ver muitas pequenas Filhas de Maria.

De Lamego deram-nos a seguinte noticia, que gostosos publicamos, sentindo não o fazer antes, attendendo à solemnidade do dia, que o numero passado commemorava:

«A aurora de 7 de dezembro surgiu para esta cidade, cortejada com modulações da banda de infantaria 9, e com os sons dos foguetes, que à laia do estropear do canhão, iam morrer nas ondulações do ceo, no abysmo dos vales, e nos echos das serranias.

O Seminario, embandeirado nas innumeradas janellas, fazia phantasiar um general mythologico, que durante a noite pudesse recingir a frente com os loureiros de conquistador do mundo.

Em seus leitos se perguntavam os Lamecenses a causa do tanto entusiasmo, que para todos era enigma, excepto para os Seminaristas os quaes havia pouco meditavam solemnizar o evento feliz que este dia lembrava, pois que era o terceiro anniversario da Sagração do Ex.^m e Rv.^{mo} Sr. Arcebispo de Larissa, Coadjutor de Lamego.

Pelas dez horas houve missa solemnemente na capella do Seminario, e ao fim *Te-Deum* a que se dignou assistir S. Ex.^a, acompanhado dos Professores d'este estabelecimento e do Cabido. N'este dia, como em muitos outros ha feito, veio o Eximio Prelado ao Seminario jantar com seus futuros cooperadores, em cuja occasião a musica regimental desempenhava defronte do refeitório alguns trechos de magnificentes operas, em que se ostentava o bello, de vezes a vezes entresachado de alguns laivos do sublime e do pathetico.

Proximo ao fim do jantar, houve duas allocuções de estudantes, em que se justificava o entusiasmo que esbraseava o coração de todos os Seminaristas, em dedicação a seu Pae, e Príncipe; e outra de um cavalheiro da cidade, em que se mostrava o regosio, e anção de participar d'esta manifestação de reconhecimento-das ovelhas para com seu Pastor, adherente a todos os Lamecenses, que por este meio felicitavam S. Ex.^a Rv.^{mo}.

Quando a noite, desenrolando suas azas, envolvia a terra em penumbra imensa e semeava de diamantes a cupula infinda dos ceos, começavam também a reflectir as cores do iris na

illuminação do Seminario, e aproximava-se a banda regimental, e executava com a maxima perfeição algumas musicas—producto do genio do affamado Demetrio.

Reinava o maior enthusiasmo, quando chegou S. Ex.^a R.^{ma} e o Professorado.

Entraram para uma espaçosa salla, em que se conglobou toda a estudantada e gente de varias categorias. Allí foram recitados discursos de diferentes personagens, falando também S. Ex.^a por vezes, agradecendo na sonoridade de sua palavra cheia de unção e sabedoria, a dedicação de seus diocesanos.

Um d'estes discursos foi do Ex.^{mo} Sr. Dr. Conego Joaquim Contente Pinto, Professor e Superintendente das aulas do Seminario. O Sr. Dr. Contente, vibrando alguns dos reverberos d'essa eloquencia fascinadora, que muitas vezes tem testemunhado o pulpito Lamecense, ora lendo o bombastico discurso que havia elaborado, ora falando de cõr, já puxando de uma biographia do grande Prelado, mostrou o pessimo estado moral da sociedade e a par a deslumbradora sciencia e virtudes relevantes de S. Ex.^a Rv.^{mo}, sua força heroica para propulsar todos os ataques, para arrostar todos os perigos, para ganhar todas as victorias; e finalmente a summa felicidade da Igreja Lamecense em possuir tal Prelado, a gloria da realzação do Crucificado em contar S. Ex.^a em o numero de seus Principes.

Depois de terminar a assemblea, continuou a musica, junto a illuminação que ainda brilhava, a desferir doces harmonias, executando entre musicas maviosas e arrebatadoras o hymno de S. Ex.^a Arcebispo de Larissa, cujo auctor é um celebre musico d'esta cidade.

Alla noite terminou a festividade, de que uma grata recordação é indelevel no coração de S. Ex.^a

Nunca a justiça registou preito também merecido, como este de honra à virtude, louvor à benemerencia, gratidão aos beneficios: como n'este dia, em que se não chegou a mostrar mais que a vontade de ser grato a tão alto benefeitor, a graças tão relevantes, como as que do Ex.^{mo} Sr. D. João Rebello teem recebido os Seminaristas e toda a diocese Lamecense, em tão estreito periodo.

E' este o 6.º numero do 10.º anno do «Progresso Catholico»; completa-se hoje o 1.º trimestre da decima serie, e, apesar d'isso está o pagamento das assignaturas muito atrasado. Vemos que nem todos os nossos amavelles assignantes correspondem bem aos sacrificios que

fazemos, e bom era que todos bem correspondessem.

Pedimos que mandem as Importancias com brevidade, não só as do anno corrente, como as que estão em divida dos annos atrasados.

O nosso collega respeitavel de Coimbra, *A Ordem*, dava-nos ha dias a seguinte noticia, que gostosos reproduzimos:

«No fim de brillantes provas scientificas no concurso para o magisterio na Faculdade de Direito, foi plenamente approvedo o Ex.^{mo} Sr. Dr. Manuel Dias da Silva. Ao novo lente e à illustre Faculdade de Direito as nossas felicitações. O Sr. Dr. Dias da Silva goza da bem merecida reputação de jurisconsulto distinctissimo.»

Repetindo as felicitações que o nosso collega dirige ao novo lente e à Faculdade de Direito da nossa Universidade, felicitamos também o nosso bom amigo R.^{mo} Prior do Mosteiro do Souto, irmão do illustrado sacerdote ora elevado à alta dignidade de membro do corpo docente do primeiro estabelecimento scientifico de Portugal.

O Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Manuel Dias da Silva é o unico sacerdote doutor de capello, que possui o concelho de Guimarães.

São muitas as publicações que tem sido enviadas a esta redacção e de que não é possivel ainda hoje fallar. Accusamos unicamente a recepção dos primeiros numeros da *União Nacional*—diario legitimista (!!!!!) que principiou a publicar-se em Lisboa.

E annunciando a recepção dos primeiros numeros damos mil parabens ao paiz, por ter um diario sem o signal maldito dos tres pontinhos., e aos redactores um abraço de amigo, porque isto cremos ter nos redactores da nova folha, que ainda que tenha todos os *defeitos*, é e hade ser sempre catholica, o que basta para merecer os nossos applausos.

Prospera vida, muita coragem e Deus conosco.

J. de Freitas.

O ANNO CHRISTÃO

Já distribuímos aos nossos assignantes o 2.º volume d'esta publicação; pedimos, por isso, a todos que o não tenham pago a graça de o fazer com brevidade, visto que não é publicação nossa, e temos de a pagar ao editor. O preço d'este 2.º volume é de 2\$000 réis, mas para os nossos assignantes custa 1\$800 réis fóra porte do correio.

Algun assignante que o não tenha recebido, pedimos nos avise.

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—*As festas em Roma*, por Elias de Sampaio.—Secção Religiosa: *Que é a Igreja politicamente considerada?* por J. C. de Faria e Castro; *Noticias de Nossa Senhora de Lourdes*, por E. J.; *As festas Jubilares do Santo Padre em Palmella*, por Monsenhor, Manoel Ignacio Simões.—Secção Critica: *A prohibição das exequias ao grão maçon*, por Albino Moreira de Souza; *Roma*, por Dom Antonio d'Almeida; *Deísticos*, por um liberal.—Secção Litteraria: *Os lares*, poesia, por Mattos Ferreira; *A mãe do Parocho*, por Ernesto Delloye.—Secção Illustrada: *XIII, O que é um Bispo*; *XIV, Por um!*; *XV, A boa filha*; *XVI, O que tem feito os inimigos dos Papas*; *XVII, O que tem feito os Papas*—*Victoria de Constantino*, por R.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.
GRAVURAS: *O que tem feito os inimigos dos Papas*; *O que tem feito os Papas*—*Victoria de Constantino*.

As festas em Roma!

REALISOU-SE o facto mais estupendo, o acontecimento de mais alcance, de quantos registam os annaes d'este seculo, repleto de grandiosos factos, de inacreditaveis empreendimentos.

O mundo todo, reunido na grande basilica de S. Pedro, festejou o Jubileu Sacerdotal de Leão XIII! Tudo que ha de mais notavel na sciencia, nas artes e na litteratura se reuniu nos vastos compartimentos do Vaticano, para protestar contra as affirmativas da Revolução, para dar um desmentido ás turbas eivadas do liberalismo, que proclamavam o Papado cadaver, e a Igreja periclitando ainda, mas breve sumida em nuvens de pó, levantadas pelo colosso de dezenove seculos ao cahir impellido pela picareta do pedreiro-livre do dezenove seculo.

As corôas dos reis, desde os mais soberbos potentados, té ás dos principes mais humildes, foram depostas aos pés do Vigario de Jesus Christo, e com as corôas que reverentes se inclinaram das regias fronteas, foram offertados ao Papa os mais formosos trabalhos da moderna industria, as obras mais estimadas da antiguidade, e os productos das bellas artes e da sciencia, que os regios thesouros haviam amontoado de tempos, e os que poderam fazer executar com o fim expresso de presentear o Prisioneiro do Vaticano.

E em competencia com os reis foram a Roma os presidentes das diversas Republicas, os principados de todos os pontos do mundo, catholicos, protestantes, scismaticos; os povos selvaticos da Asia, da America e da Africa, todos com o fim unico, manifesto, de dar ao Papa uma prova de respeito, de veneração, de entusiasta adhesão ás grandiosas festas jubilares.

E no meio do grande regosijo que levantava da terra milhares de corações, e d'entre essa multidão reverente que pejava o vasto templo, o maior mo-

numento da terra, um só grito se escutava, grito sublime, grandioso, imponente, porque era a manifestação de 400 milhões d'almas, de —Viva Leão XIII! Viva o Papa-Rei!!

E a este grito atravessava a grande basilica o Pae dos fleis, freneticamente aclamado; e a esta frenetica aclamação tremiam em Roma e por toda a terra as estatuas da tyrannia liberdadeira, e oscilava nos seus frageis alcerces o throno do carcereiro do Papa!

Era então livre o successor de Pedro; tinha em volta de si os representantes de todos os povos; cercavam a cathedra santa os mais dedicados filhos da Santa Igreja, representando os catholicos de todo o universo; estorcias-se em tenebrosa raiva o representante da Revolução, receiando que não bastassem para broquelal-o os fortes esquadões de sua cavallaria, as luzidas espadas de seus generaes, a perfidia da camarilha palaciana que o corteja. E tremia, tremia com certeza o filho da Revolução, em meio dos regios aposentos, estremecendo, assustando-se ao ouvir o tilintar das esporas de seus ajudantes nos marmoreos pateos; enquanto que o Pontifice Maximo, placido, alegre, fitando o céu d'onde espera o triumpho da causa que representa, lançava a Benção *urbi et orbi*, e entoava o sublime cantico gregorioano *Te-Deum*, que o povo, essa immensidade de vozes, acompanhou, fazendo ecoar esse canto sob as abobadas da Basilica, vozes que foram levadas nas azas da viração té á morada dos revolucionarios de todas as cores, de todos os paizes, que, tomados de medo, haviam interrogar o espaço, ignorando d'onde brotavam sons tão harmoniosos, d'onde provinham canticos de tanto jubilo.

Estava, pois, dada uma grande lição ao mundo descrente; estava realizado o maior triumpho da Igreja; era uma verdade a realisação do grande empreendimento! Faltava mostrar a riqueza com que fôra mimoseado o Papa, faltava patentear á curiosidade publica o que

vale o amor dos bons filhos para com o seu estremecido pae. E abriram-se as portas da Exposição Vaticana e o telegrapho transmittiu a todos os cantos da terra a grande noticia, que deixou pas-caciamente boquiabertos os inimigos do Papa e da Igreja.

Elias de Sampaio.

SECÇÃO RELIGIOSA

O que é a Igreja politicamente considerada?

IGREJA é uma sociedade, mas a Igreja não é uma sociedade em separado, isolada. Ella não é d'uma parte senão a sociedade civil ella mesma, que recebe d'ella, com o elemento sobrenatural, seu complemento e sua perfeição; ella é-lhe não só unida, senão identifica-se com ella para só formar um unico e mesmo todo.

De outra parte, a Igreja revendica todos os caracteres d'uma sociedade distincta, independente; ella tem sua organização especial, sua jerarchia, suas leis, sua policia, seu governo, seus factos, sua historia.

Portanto, a sociedade politica e a Igreja, composta dos mesmos homens, cidadãos e christãos conjunctamente, apresentam-se á nossa vista como um systema uno e mixto, em que o lado civil e tudo o que a elle diz respeito representam o elemento natural, e o lado religioso o elemento sobrenatural; elementos distinctos em si mesmos, mas unidos, identificados n'uma só materia, em que o christão é homem pela natureza, em que o homem é christão pela graça; e de todo este conjuncto resulta a grande e magnifica unidade, que é a *sociedade christã*.

Para apreciar exactamente o estado da Igreja sobre a terra, é util considerar nas suas minudencias a sua identidade com a sociedade politica, para

seguir-se-lhe pelo menos as consequências as mais preponderantes sobre a sua situação e marcha no decorrer dos seculos.

Primeiramente, vemos entrar na sociedade christã com o homem todas as paixões, vícios, caracteres e interesses diversos, n'uma palavra, a humanidade toda inteira.

A esta primeira complicação de detalhes, e que sobressae de cada individuo, vem juntar-se uma outra, que affecta a cabeça mesma da sociedade e cala toda a sua administração,—é o concurso simultaneo e necessario dos dois poderes, o civil e o ecclesiastico, que devem governar a sociedade christã, cada um segundo seus direitos e attribuições; é este contacto perpetuo das duas cabeças soberanas, contacto prolongado em toda a extensão de sua jerarchia respectiva; e, como esses soberanos, bem como os depositarios de sua autoridade, são tambem homens, contacto desde então inevitavelmente complicado pelo choque de mil interesses oppostos, por mil paixões rivaes e pretensões hostis.

Emfim, a parte politica da sociedade christã divide-se ella mesma em muitas soberanias distinctas, com suas fôrmas especiaes, seus defeitos, seus interesses particulares. Taes são as diversas nações portugueza, hespanhola, italiana, franceza, allemã, etc.;—taes são as differentes fôrmas dos governos: monarchico, democratico, republicano, etc.

D'aqui novas e infinitas complicações na marcha do poder ecclesiastico, uma fonte inexgotavel para este de obstaculos e de difficuldades, obrigado como é, pela sua propria essencia, a unir-se, a identificar-se com tantas fôrmas e nações diversas, no meio de conflictos innumeraveis que d'ahi provem.

Tal é a verdadeira situação da Igreja.

Portanto, a Igreja complica-se: 1.º do elemento natural das paixões, dos interesses, dos caracteres, em summa de tudo o que diz respeito á humanidade, que é como a sua materia primaria; 2.º do elemento sobrenatural, que é propriamente ella mesma, seu ensino divino, suas instituições, seus sacramentos, todos os bens espirituaes que ella communica a seus filhos; emfim, e sobretudo, aquella grande e perpetua assistencia do Espirito Sancto, que lhe foi promettida até á consummação dos seculos.

Ora, a combinação d'estes dois elementos na Igreja segue a mesma lei com as mesmas condições e circunstancias como no homem individual e igualmente na sociedade civil, debaixo do ponto de vista do elemento puramente terreal, egoistico, da humanidade decaida: 1.º N'esta combinação, a assistencia especial do Espirito Sancto é pro-

porcionada á importancia, á necessidade ou ás difficuldades que se encontram nos differentes negocios em que ella deve intervir.

Portanto, ella será maior para a manutenção da doutrina, da regra dos costumes, e mais fraca para os pontos de disciplina particular; ella será mesmo nulla nas acções particulares, individuaes, se o não é nas relações que ellas poderiam ter, sobretudo pelo seu conjuncto, com o governo e os destinos da igreja.

2.º A assistencia divina, a acção sobrenatural na Igreja, embora bem visivel em varios grandes factos, e sobretudo na sua sequencia, permanecerá todavia occulta, indistincta nos casos ordinarios, sufficientemente pelo menos para não ferir a liberdade da nossa fé, nem enfraquecer-lhe ou destruir o merecimento.

Visivel, sensivel para o homem de boa vontade, esta acção divina não o será para a má fé, a ignorancia ou a cega prevenção. E' por isto que as assembleias ecclesiasticas, mesmo as dos concilios ecumenicos, nos offerecem o espectáculo das paixões, das intrigas e dos movimentos que caracterisam as deliberações dos homens.

Mas atravez de todas estas manifestações do elemento humano, o olho christão saberá reconhecer uma Providencia especial, a assistencia divina em todos os concilios geraes, e na consequencia e no todo de todas as assembleias que entram mais ou menos no governo da Igreja, e pelas quaes vê-se, entre outros phenomenos, a doutrina, as tradições, o culto desenvolver-se sapientemente, sem contractar liga alguma impura no meio de tantas causas de corrupção.

3.º Emfim, Deus saberá ainda fazer reverter as vistas humanas, as paixões e os interesses temporaes para a realisação dos destinos da sua Igreja. Ella n'isso achará como um apoio supplementar, um soccorro accidental que a consolará já das prevaricações de que ella terá a queixar-se da parte dos homens, já da privação de uma assistencia sobrenatural, cuja acção está sujeita ás leis que ha estabelecido a sabedoria divina.

Portanto, para citar um exemplo, viu-se a politica dos imperadores gregos, até á extincção dos seus imperios, sustentar em differentes epochas o partido da unidade catholica contra os schismaticos.

Tomando em conta os limites acanhados que me são dados aqui, não me é dado o levar mais longe o desenvolvimento das leis que presidem aos destinos da Igreja catholica e que dão explicação da sua marcha atravez dos seculos.

Todavia, este estudo, tão incompleto que pareça, é mais do que bastante para ao menos fazer admirar já a simplicidade, a fecundidade, o atinado d'essas leis e da sua applicação; e vendo n'ellas como a Divina Providencia soube fazer entrar no seu systema geral de governo até os vícios e os escandalos dos homens, para os reverter na execução dos seus destinos, as objecções, que embaraçam a ignorancia ou que a má fé se deleita em colligir, são outros tantos motivos de reconhecer sobre esta instituição que abrange o mundo o cunho da divindade.

J. C. de Faria e Castro.



Noticias de Nossa Senhora de Lourdes

II

OUTRO commovente episodio que mais de perto deve interessar os crentes portuguezes:

Um pequeno nucleo de religiosos do Bom Pastor foi de romagem a Lourdes nos fins de janeiro ultimo, para implorar da Auxiliadora dos christãos suas efficazes bençãos para uma nova casa que ia fundar-se em Lisboa. Desde então as boas religiosas tem reconhecido frequentes vezes a assistencia da nossa sancta Bem-feitora. Eis a prova mais recente:

«Muito Reverendo Padre: Uma das nossas regeneradas, atormentada ha muito por uma enfermidade grave, empregara inutilmente os varios remedios de que no caso sujeito podia dispor a medecina. Compadecidas da infeliz, começamos uma novena a Nossa Senhora de Lourdes, ministrando todos os dias á paciente algumas gottas d'agua. No decurso da novena continuaram fortes os soffrimentos, tornando-se ainda mais violentos na ultima noite. No dia seguinte, porém, a enferma experimentou melhoras consideraveis, e hoje está de todo restabelecida, podendo nós seguramente acreditar que foi completa a cura, e tendo como um dever informar-vos d'ella para cumprimento do voto que fizemos ao principiar.

«Maria, sempre caridosa em extremos, dignou-se pôr olhos n'este humilissimo aprisco, que no meio de seus devios não ha cessado de a invocar.»

Leitores, vai já longo o artigo, e na mente me está pruinindo o conselho do poeta:

Loin d'épuiser une matière
On n'en doit prendre que la fleur...

Mas, senhores, é isso mesmo o que estou fazendo. No emtanto o ja'dim em que me embrenhei é tão fecundo, abundam n'elle tantos exemplares de

primeira belleza, que me vejo suando para fazer uma selecção. A conculcar embaraços arrojaria deante de vós uma catadupa de primores, se não visse que, n'este convívio do *periodico*, ha mais personagens cujos direitos sou forçado a respeitar. Ainda assim, por hoje, sob promessa de me comedir para outra vez, consintam entreteça mais duas flores no ramillete que lhes apresento.

O abba de Falco, conego da cathedral de Pignerol, escreve em data de 26 d'outubro ultimo:

«A joven Lucia Falco enfermou nos ultimos dias do carnaval passado, caindo em tão extrema debilidadade, que a menor quantidade de alimento era assás para lhe produzir vomito instantaneo. Houve por vezes serio receio pelo perigo que corriam seus dias. Uma hora em que a visitei, perante a convicção unanime da improficuidade dos remedios, suggeri lhe o pensamento de recorrer a Nossa Senhora de Lourdes, unindo-se a uma novena que a familia se dispunha a começar por sua intenção.

«Mercê de Deus e de Maria Immaculada, a menina Lucia recobrou a saude, e grata para com sua Bemfeitora, envia uma offerenda para a igreja do Rosario, em construcção em Lourdes.»

Carta de Santa-Fé de Bogotá, na America do Sul, relata o seguinte:

«Ha dois annos, minha sobrinha, de 20 annos de idade, esteve ás bordas do tumulo com uma molestia de peito. Tractada pelos mais conspicuos facultativos, não havia suster-lhe o mal, que dia a dia fazia novos progressos, reduzindo a misera enferma á maior extremidade. Considerada incuravel, procuravam os medicos dispoem-me para uma cruel separação. Vendo que nada tinha a esperar da sciencia humana, vali-me da protecção de Maria, prometendo mandar construir uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes para as boas Irmãs de S. José, aqui estabelecidas, bem como inserir nos Annaes a cura implorada.

«Desde principio parecia a Virgem surda ao meu pedir, apesar de n'ella continuar firme a minha confiança... A doente, posta nas ultimas, jazia abandonada da medecina. Reduplicatei instancias para com a Virgem, supplicando me não abandonasse, dêsse saude á minha querida enferma, manifestasse seu poder, a sua divina protecção. Com o perigo crescia a minha esperança, augmentava o meu fervor!...

«Gloria, louvor, honra, acção de graças a Nossa Senhora de Lourdes, que me ha concedido mais do que eu esperava!... Ao findar a 4.ª novena, em que as boas Irmãs tomaram parte, a padecente sentiu-se melhor, está hoje completamente restabelecida, e desem-

penha sem fadiga todo o serviço de que a incumbem.

«Trasborda meu coração de reconhecimento e de amor para com Nossa Senhora de Lourdes!...

«Possam todos que me lerem ter confiança em Maria, *redobrar de ardor em seu serviço*, para alcançarem experimentos os portentosos effeitos de sua maternal e divina bondade.»

Sim! seja Maria fortaleza dos fracos, consolo dos que soffrem, esperança dos atribulados, refugio dos peccadores, Mãe ternissima, suavissima, amorosissima a todos os descendentes de Eva!

Nas enfermidades, nos desgostos, nas maguas innumeradas que a vida tem, implorai a Maria, invocai Nossa Senhora de Lourdes, que todos os males se hão de esvaecer como as sombras da noite aos primeiros reverberos da aurora. Ha pouco, um joven prelado, ajoelhado aos pés do Santo Padre, em vespera de partir para uma vasta diocese, implorava-lhe uma palavra, que lhe servisse de norma nas difficuldades sem conta com que ia lutar. «Sim, diz-lhe o venerando Pontifice, eis a palavra que desejaes ouvir: *Esforçai-vos em difundir o espirito da oração. E' ella a força mais potente que existe no mundo. Quem não sabe orar, não sabe praticar acções que permaneçam.*

Oremos pois; oremos agora; oremos sempre.

E. I.

As festas Jubilares do Santo Padre em Palmella

No dia 1 de janeiro de 1888 teve lugar n'esta igreja de São Pedro de Palmella a solemne comemoração do Jubileu Sacerdotal do Nosso Santissimo Padre Leão XIII que ora preside a Igreja de Deus, tendo havido n'esse dia missa solemne por musica vocal e instrumental com exposição do Santissimo Sacramento.

Ao evangelho subiu á tribuna sagrada o Ex.^{mo} Rv.^{mo} Snr. Francisco Antonio da Costa, prior d'Aldeia Gallega do Rib. Tejo, que n'um eloquente discurso que muitissimo agradeu mostrou até á evidencia a influencia que o Papado em todos os tempos tem exercido não só sobre a moral e a religião, mas ainda mesmo sobre a sociedade civil cooperando o mais possivel para o progresso, civilisação e liberdade dos povos.

N'esse mesmo dia pelas sete horas da tarde fez-se a conclusão da novena pedida e recommendada por Sua Santidade para o fim de se ganhar a indulgencia plenaria por Elle concedida n'este faustoso dia, no fim orou o Rv.^{mo} Snr.

padre Gouveia, do collegio de São Francisco de Setubal que n'um eloquente e substancioso discurso demonstrou quanto em todas as epochas o Vigario de Jesus Christo pelos seus ensinamentos divinos, pela sua palavra auctorizada e infallivel tem contribuido para a consolidação da paz entre as nações catholicas e não catholicas, para a prosperidade dos povos quer na ordem moral quer mesmo na ordem civil, factos estes que se tem tornado mais notaveis no Pontificado do Grande Pontifice Leão XIII que actualmente preside a Igreja de Deus cuja sabedoria tem sido a admiração do mundo inteiro, que hoje prostrado a seus Sagrados Pés o proclamam Vigario de Jesus Christo, Pacificador das nações, Luz Beatissima que sentada na cadeira de Pedro do alto do Vaticano a todos alumia com os radiantes raios da sua sciencia; em seguida foi entoado solemne *Te-Deum* em acção de graças ao Todo Poderoso por tão fausto acontecimento, terminando toda esta festa com a benção do Santissimo Sacramento.

Na segunda-feira*2, exposto de novo o Santissimo Sacramento foi celebrado o incruento sacrificio da missa por musica de Capella, por intenção de Sua Santidade e á noute pelas 7 horas fizeram novas preces e orações a Deus Nosso Senhor pela conservação da vida de tão Amantissimo Pae e Pontifice:

Todas estas solemnidades foram promovidas por iniciativa do reverendo parochio d'esta freguezia Mgr. Manoel Ignacio Simões coadjuvado pelos seus collegas, empregados da igreja, irmandades e pela illustre Sociedade Philharmonica Palmellense que da melhor vontade se prestou a abrilhantar estas festas.

A concorrência do povo foi immensa, cabendo por isso grande honra aos habitantes d'esta freguezia, que mais uma vez provaram a sua adhesão sincera e espontanea á cadeira de Pedro, ao Supremo Pastor das almas, ao chefe do Catholicismo, ao Primeiro Gerarcha da igreja.

Mil parabens pois, a todos que de qualquer modo concorreram para tão solemnes demonstrações de regosijo pelo quinquagesimo anniversario do Sacerdocio de Sua Santidade e sou sumamente agradecido para com todas as pessoas que me coadjuvaram n'estes actos religiosos em honra do Santo Padre, a todos affirmo o meu eterno reconhecimento e gratidão, não podendo deixar de especialisar os Ex.^{mos} Rv.^{mos} Snrs. Padre Francisco Antonio da Costa e Gouveia que da melhor vontade e desinteressadamente se prestaram a proferir dois brillantes discursos.

Palmella 5 de janeiro de 1888.

SECÇÃO CRITICA

A prohibição das exequias ao grão Maçon

Os espiritos mais esclarecidos tem seus idolos, e ás vezes como que se agitam com os desaccatos da logica.



DA coherencia, acrescento eu agora áquellas palavras que encerram uma grande verdade, escriptas por Victor Hugo.

Com effeito, ainda não tinha visto nem me podia passar pe-

Não cessam de gritar para que haja liberdade de consciencia, mas diante de factos d'estes esquecem-se do que dizem para atacarem do modo mais brutal, para enxovalharem cynicamente a authoridade ecclesiastica por fazer uso d'este sagrado direito;

Não cessam de berrar para que se cumpram «umas leis» relativamente aos jesuitas, e esquecem-se de que a Maçonaria é uma instituição prohibida, sem existencia legal no paiz;

Não cessam de clamar contra a «intolerancia» da Igreja Catholica, e para os funeraes, ou antes, para as patusca-

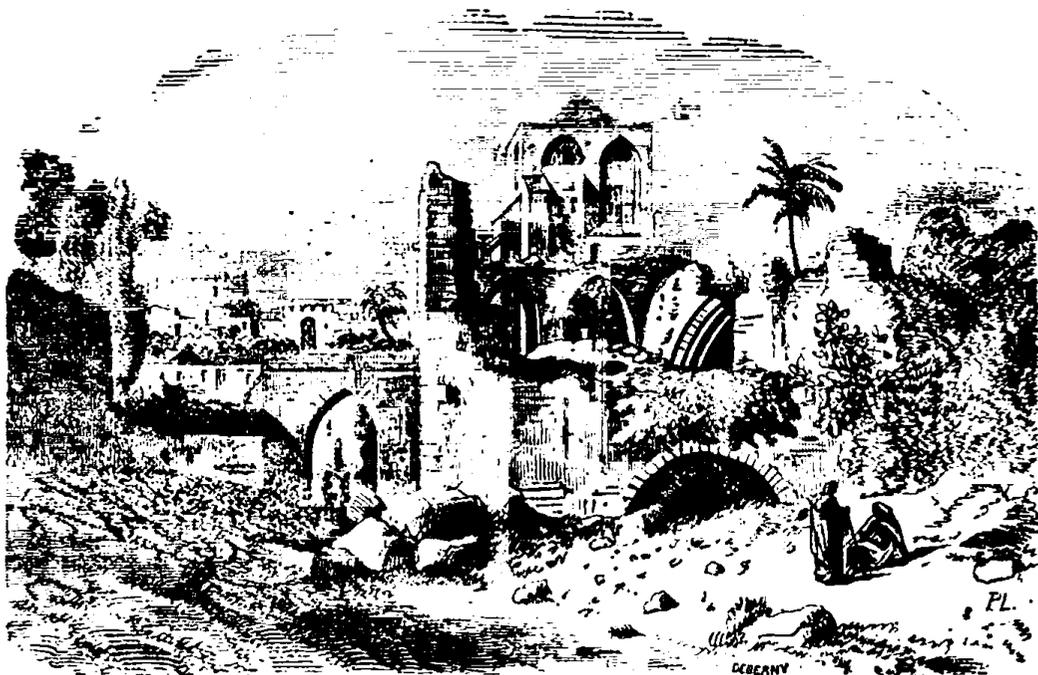
dos Membros d'essa redacção que seja maçon».

Para ser representado por quem fôr maçon, só por quem fôr maçon!

Este convite é a mais pungente ironia atirada ao titulo de uma das suas lojas!

Haverá prova mais eloquente da intolerancia maçonica do que este convite para um acto que em todos os cultos é publico, e só da maçonaria vedado a quem não é maçon? Oh! realmente é muita tolerancia!

Eu quizera n'esta occasião fazer referencias a certos bispos portuguezes,



O QUE TEM FEITO OS INIMIGOS DOS PAPAS

la imaginação que, na capital do fidelissimo reino de Portugal, em pleno século XIX, quando a maçonaria já se acha de todo desmascarada, quando os seus principios e os seus fins já são conhecidos e os seus segredos expostos ao publico em milhares de livros escriptos por ex maçons que tem feito ao mundo importantes revelações, se fizesse tão descommunal como injusta censura á authoridade ecclesiastica, de S. Em.ª Rv.ªm o Snr. D. José 3.º, pelos factos sabidos, isto é, por ter prohibido exequias religiosas pelo que foi grão-mestre dos pontos.

Escarnecem muito do bom senso publico!

das na opinião das *Novidades* (1) que celebram nosalcones maçonicos fazem convites á imprensa d'esta maneira:

«Tendo o conselho da Ordem do Grande Oriente Lusitano Unido, Supremo Conselho da Maçonaria Portugueza, deliberado pedir á imprensa periodica da capital a honra de sua comparencia ás exequias solemnes, que em homenagem ao seu Sapientissimo Gr.º Mestr.º celebra na noite de 7 do corrente pelas oito horas da noite, cumpre-me o dever de vos rogar a comparencia a esse acto solemne representado por algum

(1) Em um artigo dictado pela mais rigorosa justiça a ostu respeito.

a maior parte dos quaes já fallecidos; eu quizera... mas como muitos d'elles já compareceram ante o Deus todo poderoso, deixo-os todos em paz. Declaro simplesmente que estes é que são os verdadeiros culpados de que, agora, por causa da mais coherente, da mais logica, da mais justa prohibição de um dos prelados portuguezes se veja na imprensa as caricaturas mais acanalhadas e as descomposturas mais baixas como a que publicou o semanario *Pontos nos 11* a respeito do Snr. Cardeal Patriarcha.

Devo dizer-lhes, porém Snrs. Maçons que, para os bispos que põem o serviço de Deus acima de quaesquer conve-

niencias e interesses humanos; para bispos como D. Vital de Oliveira e D. Antonio Costa, vultos immortaes do episcopado brasileiro, que nunca tiveram medo das carêtas maçonicas e antes sempre foram o terror da vossa instituição execravel, que nunca conheceram ninguem por mais sabio e bem-quisto que fosse quando tinham de cumprir os seus deveres, estas caricaturas são verdadeiros titulos de gloria.

Seria altamente vergonhoso e humilhante para a Igreja se ella consentisse que se celebrassem exequias religiosas por alma de maçons que morrem impenitentes e que as suas vidas são, como foi a do finado, um protesto vivo as doutrinas da Religião Catholica.

Se o Sr. Cardeal Patriarcha não as prohibisse então sim, então é que elle se mostraria contradictorio, então é que a diocese lisboneuse poder-se-ia considerar acephala por exercer o seu lugar um homem inconsciente e inepto. Sim, porque realmente seria uma ineptia.

Pois eu sou Catholico Apostolico Romano, não pertencço á maçonaria por assim m'o prohibirem o Papa, o meu bispo, o vigario da minha freguezia, que me dizem ser ella uma Sociedade contra a religião etc.; vejo porém (uma hypothese) que o chefe da seita maçonica morre impenitente e a Igreja por seus bispos, consente que se façam suffragios religiosos por sua alma, então tal condemnção é uma burla; então vamos todos illiar em quantas sociedades ha, embora prohibidas pela Igreja, porque depois de mortos temos os mesmos suffragios como se fossemos simplesmente catholicos.

E' boa!

A maçonaria parece que quer fazer dos Catholicos uns idiotas.

Acorda, porém, a Maçonaria defendendo o Conselheiro Aguiar: «O Conselheiro Aguiar era um homem virtuoso; o Conselheiro Aguiar era um homem esmolter; o Conselheiro Aguiar fez muitos beneficos á Igreja etc. etc.»

Venham cá Snrs. pedreiros, pousem por um momento suas ferramentas, seus compassos, seus martellos, e larguem as ferraduras (parece que a maçonaria adopta este calçado para seus membros se distinguirem dos racionaes, e a fallar verdade distinguem-se perfeitamente.)

Venham cá, oiçam:

A Igreja Catholica condemna as sociedades secretas.

Ora a Maçonaria é uma Sociedade secreta.

Logo a Maçonaria está condemnada pela Igreja.

Diante d'este syllogismo quem se atreverá a dizer que os maçons virtuo-

sos ou não, estão isentos de tal condemnção?

Depois se, como dizem, os actos religiosos nada valem, se todas aquellas ceremonias são nonadas, coisas que nada significam, que nada aproveita ao morto; ou ainda, se isto de alma como a entende a Igreja é uma historia, para que fazem essa questão toda? para que não se contentam com as commemorações civicas, com os suffragios maçonicos?

O que a Maçonaria quer sei eu, sabemos nós todos. E' que a autoridade ecclesiastica se avilte, que se preste aos seus manejos, aos seus caprichos; o que querem é viver na imprensa e na tribuna como o fallecido Aguiar que havia pouco tempo tinha pronunciado estas palavras na Camara dos pares, palavras que magoaram profundamente meu coração de catholico e de portuguez, como não podem deixar de magoar o de todo o filho da Lusitania que ainda sente arder-lhe em seu peito o fogo sagrado do amor de sua patria:

«Para conservarmos o Padroado na amplitude da concordata de 1857, disse elle, era necessario fazer muitas despesas ou restabelecer, para o desempenho das missões, as Ordens Religiosas. Por este preço, porém, estimava antes que o Padroado se não conserve em toda a sua extensão!»!

Disse isto para ter os muitos apoiados do costume e ainda depois querem os seus comparsas que se lhe faça suffragios religiosos.

Os seus confrades affirmam que tal homem amou sinceramente sua patria.

Eis o amor que lhe tributava: preferia ver as colonias perdidas se a salvção d'ellas dependesse em mandarem-se frades para missional-as e civilisalas!!

Fico por aqui.

Um parenthesis apenas: Não deixo de reconhecer que o Conselheiro Aguiar alguns serviços prestou ao seu e meu paiz, dotando-o com alguns melhoramentos.

A verdade e a justiça antes de tudo. Mercê de Deus não me cegam paixões.

Como Catholico que sou envio ao Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha as minhas saudações por ter cumprido o seu dever, para o que nem todos tem a necessaria coragem.

Recife 31 de Outubro de 1887.

Albino Moreira de Souza.

Roma

«E' superfluo notar que esta Roma tem em todas as suas partes profundamente esculpida o Cunho Papal, e que ella pertence aos Pontifices por taes e

tantos titulos, que nenhum outro Principe pôde invocar com relação a qualquer cidade do seu Reino.» Carta do Soberano-Pontifice ao Cardeal Secretario de Estado em 15 de junho de 1887. Leão XIII desde o principio do Seu Supremo Pontificado tem sempre feito protesto na defeza da justiça da Soberania Temporal embora certas folhas periodicas queiram fazer persuadir que Sua Santidade Se pronuncia só agora áquella respeito; sam taes folhas ou seus reductores de aquella Escóla mesma que procurou em tempo fazer passar Pio IX como Seu, e que de-senganada que não o era converteu ou antes mudou em perseguições os seus applausos e palmas a Pio IX. Roma, os Estados da Igreja de Deus sam do Papa, e se com sacrilegio «Lhe» sam usurpados isto não derime a justiça, nem impedirá que a restitução seja feita «volens—nolens» por quem de dever: «Res Suam dominum clamato» é apherismo de Direito e que na materia sujeita se torna excelsior! O Reino de Saboya além do mais está-se amesquinhando e enfraquecendo n'aquella posição que juridicamente lhe pertence e só porque invadiu os Estados do Papa e assim se tornou carcereiro do Vigario de Christo! O moderno philosopho «Cousin» disse: «A independencia soberana do Papa é l'indépendance même de l'esprit humain.» Está no espirito, na consciencia do genero humano; que o Papa é Rei e que os Estados da Igreja «O» tem como Seu Soberano!

Dom Antonio de Almeida.

Deisnices

ALHA-NOS Deus! E' escuzado, não nos deixam!... Pelo amor de Deus, snrs. liberrimos, não vomitem mais sandices!... E o peor é que nem creem nem deixam crêr!

Quem não quizer orêr, não creia,
Mas respeite a crença alheia.

De tudo duvidam, por tudo pegam,
tudo aboccanham!... Que liberdade,
que livre pensar!

Não é livre pensador
O que a alheia crença fero,
Mas um duende que quere
Constituir-se oppressor!
O liberal de mão cheia
Não toca na crença alheia!...

A'vante, catholicos!

Bem nos custa entrar n'estas coizas,
porque não somos theologo, nem nada
que com isso se pareça; mas, ainda
assim, temos, já agora, de responder.
como soubemos, a uma objecçãozinha

deisticatheia. E, praza a Deus, que não tenhamos de voltar à carga.

Vá lá:

Rouqueja o sabio deista, mais por não estar callado que por outra coiza, naturalmente, que o recém-nado im-baptizo, por descuido, coita ou descrença dos paes, deve, infallivelmente, ir gozar dos Bens eternos, porque não tem culpa de ter morrido por baptizar, sendo que, n'estas circumstancias, nada o pôde privar da eterna Bemaventurança.

Entre parenthesis: Nós tambem já assim pensamos.

Ora, é certo que a creança não tem culpa de não ter sido baptizada; mas tambem é certo que, segundo o Velho Testamento, e tanto basta, Adão envolveu no seu peccado toda a sua posteridade, sendo que, se o recém-nascido não tem culpa de ter morrido por baptizar, nem outra qualquer culpa por elle adquirida... tem-n'a innata, ou como lhe queiram chamar, procedente da desobediencia de Adão e Eva ou do peccado original, que, comquanto o não condemne a soffrimento algum, o priva, todavia, do Bem eterno, o que não succederia se essa culpa que o snr. deista não vê, ou antes, não quer ver, fosse lavada na agua do baptismo instituido por o Salvador.

E note o deista que isto é, nem mais nem menos, do que uma ponta de fé catholica.

—Mas que não está consignado no Evangelho, pôde o deista arguir.

—E' o mesmo, redarguiremos nós: nem tudo lá está, porque, como é sabido, Jezus disse a seus discipulos: «Ide e ensinae,» e não: «Ide e escrevei.»

E, todavia, «se a razão nos não illude,» ainda assim se pôde sustentar que Sim, que está consignado no Evangelho, se não precisa e litteralmente, ao menos por tão infallivel como palpavel e bem fundada consequencia; porque o Divino Mestre disse um dia a Simão Pedro:

«Tu és pedra, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.»

E, segundo Math., 16, 18, lhe deu o poder de «atar e desatar» sobre a terra.

E, segundo Luc., 22, 32, rogando a seu eterno Pae para que de Pedro a fé não desfallecesse, acrescenta: «Confirma a teus irmãos.»

Em vista do exposto, diga-nos agora o deista, se a Igreja terá ou não poder para, do caso em questão, fazer um ponto de fé catholica.

Tem, porque está superabundantemente auctorizada por o seu Divino Fundador, não só por o que citamos, mas por muito e muito mais.

Posto isto, e tendo a Igreja declara-

do peremptoriamente que a creança im-baptiza não goza nem pena, como é que o sempretardo, inconscio, absurdo e inconsequente deista, se atreve a boquejar no em que não crê, mas que, nem por isso, devera aboccanhar?...

Bem se vê que o deista não sabe que

Não é saber o saber
Que ensina o povo a descrever.

Se o snr. deista fôra o que não é, devera antes dizer:

Desgraçados paes que deixam morrer uma creança sem baptismo... por descuido ou por descrença, porque são grandes culpados perante Deus que os julgará um dia!...

Mas não, não diz assim... o que nos não espanta!

Desde que um examinador ou vizitador qualquer, segundo ouvimos, chega a uma escola d'instrução primaria, aonde se pergunta a uma creança qual dos sacramentos é o mais precizo, e a creança responde: «O baptismo, porque sem elle ninguem se salva;» e o examinador ou vizitador murmura: «Deus nos livre que assim fosse, meus meninos...» nada nos espanta nem é para espantar.

O professor callou-se, mas não as creanças, que o dicto divulgou-se.

Isto cheira, nem mais nem menos, do que ao que os grandes mestres maçonicos prégam aos seus leaes servidores ou cegos escravos: isto é, ao celeberrimo «esmagar no ovo,» (conforme a phrase maçõ...)

Oh saber hodierno!

Conter um povo quem hade
Depois de brutalizado...
O' nocente, ó desgraçado
Negador da Divindade?...
Da criminosa descrença
Procede a prava licença!

Este—Deus nos livre que assim fosse, meus meninos—dicto excahedra, por um examinador ou vizitador, ante um certo numero de creanças, é d'uma força maçõnicamente infernal e diabolica!

Mas que maldade, que cegueira!...

Socega, louco maçõ,
Que o mundo é obra de Deus:
Não pôdem estultos atheus
Pôr-o em extrema perversão!
A astuta maçõnria
Quer fuzir o mundo um dia!

E' de suppôr que o tal examinador ou vizitador deixasse escapar aquellas consoladoras palavras a travez d'um lindo par de labios sufficientemente sarcasmizados, porque assim produzissem melhor effeito. Mas... forte mania!... Que estulticie, que fome, que sêde... que precipitação, que desarranjo de ideias!

Socega, amigo, socega,
Porque sobre a terra dura
Acharás a sepultura
Que somma quanto nos lega:
Os annos, e só os annos,
Nos dão tristes desenganos!

Mas qual será o fim d'estes pobres loucos que se apedrejam, insultam e infamam mutuamente na lata estrada do mal... sem razão de ser?... Para onde é que, rastrejando, se arrojam tão trizozos e imperterritos?

Não são elles, não: é Satan que os guia!... Oh loucura das loucuras!

Não temos que duvidar:
A desbragada licença
Quer implantar a descrença
Para melhor imperar:
Um dos fins do maçõnismo
E' extinguir o Christianismo!

Mas para onde vamos nós tambem?... Não queriamos ir tão longe, ou antes, tão perto, do que pedimos desculpa.

O que nós queriamos era dizer ao celeberrimo deista d'estultissima memoria, que, porque não lê, ou não entende, ou não quer entender o que lê, que é o mais provavel, não diz se não disparates que uma creança mediocremente instructa na doutrina christã, facilmente combate. E que, já que não crê, deixe crêr os outros.

Eis a recapitulação do que temos dito.

Mas, já agora, terminaremos por estas tão simples como inoffensivas sextilhas:

Sabença: Deus super omnia,
Que só n'Elle alveja o fundo
Do saber só d'este mundo,
Ou d'uma sciencia idonea:
Quem não quer o Creador
Não é douto nem doutor...

Se um dia na alta roda
Dos homens d'uma nação
Fulgisse a luz da razão...
Tudo lhe tomava a moda:
O povo imita o que vê,
Se lê, não sabe o que lê...

Um liberal.

SECÇÃO LITTERARIA

OS LARES

A J. F. DE PASSOS

As agulhas das torres levantando,
dos predios sobre o humilde agrupamento,
á luz que espelha o limpo firmamento,
lá me estás tu, berço natal, saudando!

Eis o prado, eis o rio, que perpassando
molha da tosca ponte a arcarial
Eis os hortos, e a esparsa penedia;
eis pelo açude as agnas enrolando!

Mas se espontanea e limpida a alegria
me accende os olhos, nuvens vêm tambem,
sombrias trazer ao meu ditoso dia.

E' que, oh meu pae, se juncto a irmãos e mãe,
não von já vêr-te, a tua face fria,
penso que surge e me sorri d'alem!...

(Nos Caminhos de Ferro, 1885).

Mattos Ferreira.
prior em Cintra.

A mãe do Parocho

(Continuado do n.º anterior)

DERA-SE a Deus aquelle moço, e Deus o acceptara. Quando entrou na casa onde Deus forma os seus, Elle o recebeu como sóe de receber-se um amigo esperado. Decorreram-lhe alli os annos mais felizes da vida, calmos, placidos, alegres. Talvez em companhia da mãe fosse um tantinho mais ingenua a felicidade; na casa de Deus gozou d'uma alegria mais completa, mais virilmente saboreada.

Muita vez o surprehenderam as lagrimas junto do santo tabernaculo. E certo não era a melancholia que assim lhe corria dos olhos; era o amor, o amor ardente do seu Jesus, que mais gostava d'aquella lingoagem muda das lagrimas. Assim foi crescendo, como seu divino Mestre, Modelo e Guia na casinha de Nazareth, «em sabedoria deante de Deus e dos homens».

Depois, voltou com as ferias á casa materna. Desde a partida, sua mãe não levantara mais do leito o santo crucifixo. Ia cada noite, ás escondidas, beijar-lhe os pés, dando ao amigo de seu filho esta prova de ternura, como d'antes ao proprio filho.

Logo na manhã do dia da chegada foi de novo pendurado á cabeceira o Santo Christo; e á noite quando João retomou seu antigo quarto, Joanninha depoz um longo osculo outra vez na fronte pura de seu filho.

Depois de um longo anno que o não tornara a ver.....

«—Tens vivido contente, meu filho?
—Sim, minha mãe, muito contente.
—Como assim, se eu te faltava?

—Se me chegasse noticia que a mãe soffria, certamente não ficaria contente.

—Pois quando me faltas, choro muitas vezes.

—Tambem eu, mãe, tambem eu choro muitas vezes na vossa ausencia; mas é preciso que não desagradem a Deus estas nossas lagrimas, pois Elle para si m'escolheu!

Por momentos esteve silenciosa Joanninha, depois fixando no crucifixo os olhos:

—Não, filho, tambem eu não quero que desagradem a Deus as minhas lagrimas: a Elle te consagrei, a Elle pertences; não mais te retomarei. Dorme em paz, João, meu filho; por ti velam Deus e tua mãe.

E João dormiu um somno profundo e tranquillo.

*

Decorreram os annos e João revestiu a roupeta dos ministros do altar.

«Quero ser como o snr. abbade, di-

zia quando menino; agora dizia: «quero ser padre». Envergar os habitos ecclesiasticos era o primeiro passo.

Quando Joanninha pela vez primeira o viu assim vestido, sentiu gozo misturado de ternura. Sem dar porisso saltou-a um receio:

«Poderei ainda abraça-lo, como se abraça um filho?»

E permanecia interdicta na presença d'elle, admirando com seus olhos de christã o filho glorificado; tomada porém d'angustia, e sentindo a tristeza que lhe subia ao coração:

«—Então não me abraça, minha mãe?»—Joanninha lançou-se ao pescoço do filho: todos os temores e tristezas se desvaneceram.

A' noite, ajoelhados os dois, mãe e filho, aos pés do crucifixo, oraram por muito tempo junctos. N'aquelle dia, duas vezes foram abraçados os pés do Santo Christo.

Que alegria esta que os sinos lançam nos ares! Verdes, flores, arcos de triumpho... Está radiante o sol n'este dia. Na azul do firmamento como que uma alegria a responder á da terra.

Agita-se a aldêa e anda atarefada, como nas manhãs dos grandes dias. Suspenso o labor dos campos e das officinas: todo o mundo está em expectativa na estrada da cidade.

De repente um murmurio inquieto e curioso: «Fil-o que vem!»

E' João o esperado, João ainda honrem diacono, hoje sacerdote.

La desce ao valle, ja transpoz a rustica ponte, agora sobe o atalho. Do grupo d'expectadores destaca certa mulher, e adianta-se ao encontro d'elle: é Joanninha. Traja o luto da viuvez; é para que fizesse lembrado e presente n'este passo o seu defuncto... foi esposa e é mãe.

Caminha até o filho sem levantar olhos e ajoelha. Então sente a gente que isto viu um como arrepio de commoção: João para e saltam-lhe dos olhos as lagrimas. Abaixa sobre ella as vistas, estende as mãos e abençoa lentamente. Levanta-a depois nos braços e aperta-a ao peito com effusão.

Estendem-se desde a igreja em longa procissão meninos, moços, raparigas, padres que todos correram á casa do novo presbytero. Este apparece revestido dos paramentos sacerdotaes, e o povo inurmura commovido: «como é formoso!»

E na verdade, formoso é n'aquella attitude de mãos postas, olhos modestos; n'aquella limpidez d'uma fronte coroada de vinte e cinco annos de piedade, pureza e amor divino.

Caminha, e todas as frentes s'inclinam á sua passagem.

Ja transpoz o limiar da igreja; e logo

atrav d'elle entra Joanninha; ja subiu ao altar e principia o santo sacrificio.

Que immenso poder e quanta gloria para o homem dedicado ao culto, quando sobre a sagrada ara exerce as divinas fuuções!

E' a situação do novo sacerdote; tem no proprio coração o céo inteiro; partil-o-ia a emoção se o não fortalecera o proprio Deus. Ja não é elle, o sacerdote, quem vive; é Jesus que vive n'elle.

Entretanto agrupam-se os anjos em luzente coroa á roda do santo-ciborio. — «Senhor! eu não sou digno de que entreis em minha morada».—

A' sagrada mesa tomou lugar Joanninha. Ja a divina hostia, consagrada nas mãos do filho, é depositada nos labios tremulos da mãe: labios de mãe que tantas vezes oscularam a fronte da creança, pagou-lhes o sacerdote esta dívida d'amor collocando n'elles o Deus do amor.

(Continua)

Ernesto Delloye.

SECÇÃO ILLUSTRADA

XIII

O que é um Bispo

Se fores, leitor meu, interrogar os impios, esses homens que não creem em Deus, e que julgam de mais na sociedade os Bispos, e lhes perguntares o juizo que elles fazem dos descendentes dos Apostolos, certo que vos responderão, estas ou iguaes palavras:—Isto de Bispos é uma planta parasita, que vive explorando a sociedade, sugando-lhe uma parte da vida, para elles, essas plantas damninhas ostentarem um luxo contra as leis do Evangelho. Mas se interrogares o pobre, a familia envergonhada, as casas de caridade, os seminarios, todos vos dirão, erguendo as mãos:—Os Bispos são a nossa providencia; sem elles teriamos fenecido, ter-se-iam fechado as portas da residencia episcopal, como se fechou a portaria do convento, e a fome seria a nossa companheira na hora extrema. Bemditos os Bispos, porque os Bispos são os nossos bemfeitores, são os paes dos pobres, a consolação dos infelizes.

A primeira gravura do passado n.º dá mostra d'uma d'essas scenas frequentes, representadas perto dos paços episcopaes. Sentado n'uma cadeira estepa a hora ultima o pobre velho, cercado d'umas creancinhas, de que elle era arrimo, e que vão ficar abandonadas. Diante d'elle apruma-se a figura veneranda do Bispo da Diocese, que veio visital-o, trazer-lhe, com as consolações da Religião, o que necessario

fosse para o doente e sua familia. Encontramos o bom Prelado ministrando ao doente um medicamento, e vê-se, pela gravura, o amor, o carinho com que o bondoso apostolo exerce a mais santa das virtudes—a caridade. E para a exercer saiu sózinho do palacio, sem apparatus, sem receio, porque viuha em nome de Deus.

E' assim um bispo catholico.

XIV

Por um!

Estava habilitado para a sorte grande o bom do homem, que a nossa segunda gravura do passado n.º representa. Tinha feito mil planos, traçara no ar milhares de projectos, qual d'elles mais estupendo, e a quinta d'um visinho rico em tempo e agora arruinado, já lhe parecia sua, porque a sorte grande lhe havia dar dinheiro para ella; mas o dia dos desenganos chegou, e um rapaz, que fôra a cidade ás compras, trouxera-lhe a lista, que o homem leu com avidez, soltando, quando chegou ao n.º que tinha, um prolongado e sentido—por um!

De facto, a sorte grande fugiu-lhe por um. Na leitura da lista, é que a nossa gravura representa o infeliz, que perdeu o seu dinheiro.

XV

A boa filha

E' cheio de belleza o quadro que a terceira gravura do passado n.º representa. Pae e filha abraçados: ella, joven, formosa, fitando o céu com seus bellos olhos; elle, velho, alquebrado, em atroz tristeza, porque está cego. Foram-lhe vasados os olhos nos tempos da tyrannia da Roma pagã, ficando na impossibilidade de exercer o mister que lhe dava o pão de cada dia; mas a filha toma-o pela mão, abraça-o e vae pelos caminhos fôra pedir, esmolar o sustento para si e para seu velho pae. Vae percorrer os logares visinhos, vae internar-se nas agruras das serras; mas vae achar com que possa não deixar morrer á mingua seu velho pae.

Assim fazem as boas filhas.

XVI

O que teem feito os inimigos dos Papas

A primeira gravura do presente n.º não carece descrever-se. E' a espinha d'um grande mosteiro meio soterrado em escombros.

O viandante, visitando esses restos, fica abysmado e pergunta-se quem amontoaria em ruinas tão vasta edificação, e como não acha outra resposta, fica sabendo que as ruinas dos mosteiros, dos conventos, das egrejas, de grande

numero de obras de arte foram e são obras dos inimigos dos Papas.

XVII

O que teem feito os Papas—Victoria de Constantino

E' esplendidamente formosa a segunda gravura do presente n.º. E' talvez das mais formosas que o *Progresso Catholico* tem reproduzido, pois que em tão pequenas dimensões destacam-se perfeitamente todos os objectos, as feições de todos os guerreiros, parecendo até que se vêem manejar as armas.

Pois essa gravura é copia de um fresco dos muitos que ornarn uma das galerias de pintura do Vaticano em Roma. E' obra gigantesca, que causa a admiração de todos os amadores. Representa o exercito de Constantino victorioso do exercito de Maxencio, na batalha chamada de Ponte Molle, onde o exercito christão derrotou completamente o exercito inimigo, com a só invocação do nome de Christo, e com a protecção da Cruz, que o grande imperador havia mandado bordar em suas bandeiras.

E' preciosidade que se deve aos Papas, pois foi mandada fazer nos pontilcados de Julio II ou Leão X, e foi esboçado o quadro pelo grande artista Raphael e executado por Giulio Romano.

Imaginem os nossos leitores o que será a grande pintura n'um quadro de alguns metros, quando na nossa gravura se observa tudo minuciosamente.

São as obras dos Papas. E' isto o que elles teem feito e fazem ainda hoje.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



INOUE-SE em Angra do Heroismo, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Elisa Riggs Martins Pamplona, virtuosissima senhora e dedicada amiga da nossa Revista.

Dando sentidos pesames a suas filhas, e mais familia, pedimos ao Senhor tenha na gloria a alma da flada senhora, implorando de nossos leitores nos acompanhem em tão caridosa pratica.

Tambem falleceu ha tempos em Vindago, um outro assignante do *Progresso Catholico*, o Snr. Antonio Ignacio de Osorio Galho, e em Braga, o Snr. Manuel da Conceição Pinto. Pedimos a to-

dos os leitores as costumadas orações, como suffragios pelas almas d'estes nossos irmãos.

Estão de luto os seguintes leitores e amigos do *Progresso Catholico*, a quem damos pesames sentidissimos, pedindo desculpa não o ter feito ha mais tempo:

—O Rv.^{mo} Padre João Gomes d'Oliveira Guimarães, Abbade de Tajilde, pelo fallecimento de sua Mãe, occorrido na mesma freguezia.

—O Snr. Manuel Fernandes Barros, de Ihavo, pelo fallecimento de seu Pae e irmão, occorrido no Pará.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Aos nossos bondosos assignantes

Como prevenimos os nossos illustres assignantes, ao terminar o 9.º anno, vamos mandar fazer a cobrança das assignaturas por meio das repartições postaes dos diversos concelhos do paiz.

Dissemos que quem não tivesse satisfeito as suas assignaturas até á publicação do 3.º n.º do 10.º anno, fariamos a cobrança pelo correio, mas a razão de 1\$000 réis por cada assignatura; mas não cumprimos o que disseramos n'este ponto, porque não queremos que julguem o «Progresso Catholico» uma empreza mercantil. Vamos fazer a cobrança pelo correio, pelo preço de 600 réis cada anno, acrescentando unicamente as despesas com a cobrança, que não excederão a 60 ou 80 réis. E levamos em conta estas despesas, porque é costume serem feitas pelos assignantes, e mesmo nada lhes custa dar mais 60 ou 80 réis, ao passo que nós, se fossemos a gastar 80 réis em cada assignatura, teriamos uma despesa por anno de 320\$000 réis em 4000 assignaturas.

Ficam, pois, prevenidos os nossos bons assignantes de que sacaremos contra todos pelas importancias em divida de mais de um anno, incluindo o corrente, esperando que os que só tem por pagar o 10.º anno o façam por qualquer via, pois que por 600 réis não vale a pena a cobrança pelo correio.

Esperamos que todos satisfaçam,



O QUE TEM FEITO OS PAPAS—VICTORIA DE CONSTANTINO

e mais desejamos o façam antes que nós saquemos, pois nos tiravam trabalho.

Iremos annunciando os concelhos para onde são mandados os recibos.

Tambem Portugal! Pois havia ficar de braços crusados o reino fidelissimo, quando todos os povos preparam as malas para ir a Roma? Graças! Graças! Será representado e dignamente o nosso paiz nas grandes festas, como se deprehe de da noticia que segue:

«A commissão nomeada pelo Em.ºº

Cardeal Bispo do Porto, para commemorar o jubileu sacerdotal de Leão XIII, resolveu tomar a iniciativa de todos os trabalhos em consequencia das commissões das outras dioceses não terem até ao presente apresentado um programma. Para isto o Sr. Conde de Samodães, presidente, já se entendeu com o actual Prelado de Lamego, o Rev.º Arcebispo de Larissa, que é o unico Prelado portuguez que, por enquanto se sabe, acompanhará a peregrinação d'este paiz, á qual presidirá.

A partida será no dia 9 de abril, reunindo-se os peregrinos das outras dio-

ceses n'um determinado ponto da fronteira. O Papa, receberá a peregrinação portugueza no dia 16 a 20 do mesmo mez.

No regresso, os peregrinos, irão a Lourdes. O presidente declarou na ultima reunião da commissão, que foram cunhadas medalhas de bronze, prata e ouro, que poderão ser adquiridas não só pelos peregrinos que forem pessoalmente a Roma, mas pelas pessoas que acompanharem a peregrinação espiritualmente. As primeiras custam 300 réis, as segundas 1\$800 e as terceiras 17\$000 réis. O Sr. Conde de Samo-

dães, vae escrever uma guia do peregrino, *vade mecum*, destinada a ensinar aos portuguezes em que melhor devem aproveitar o seu tempo durante a estada em Roma e demora nos pontos em que descancem, guia feita em harmonia com o programma da peregrinação.»

Sob o titulo—*Um golpe de mão de mestre*, publica o nosso collega brasileiro—*O Thabor*, o seguinte *suelto*, que muito deve agradar aos nossos maçoensinhos de cá, e por isso o transcrevemos para mostrar tambem como no Bra-

zill é apreciado o proceder dignissimo do Em.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa. Leia-se:

«A maçonaria de Portugal, causa de tantos males que assolam a sociedade presente e que a hade perder irremediavelmente se o governo não abrir os olhos, acaba de levar um pontapé que a fez ver estrellas ao meio dia. Eu beijo as mãos de D. José III por ter dado um golpe tão certo que extremou os dous campos, catholico e satânico.

A *viuvinha* precisava d'esta lição porque estava levantando demais o collo.

Porque é que a maçonaria não se contenta com as exequias feitas lá nas suas lojas?

Ella devia saber que o Patriarcha de Lisboa não lhe podia conceder o que pedia; mas quiz abrir lucta por gosto.

O episcopado portuguez de tempos a esta parte vai abrindo os olhos e conhecendo de que laia são os taes melros.

O exemplo de Leão XIII parece que vai pegar fogo no mundo inteiro.

Se Deus está do nosso lado, quem contra nós?»

Parece que os colleccionadores de preciosidades, d'objectos raros porfiavam qual será o que melhor se represente na espantosa exposição do Vaticano.

Um opulento proprietario de Riogordo, Hespanha, deve partir brevemente para Roma, a fim de offerecer a Sua Santidade um precioso crucifixo, de pequeno tamanho, todo de ouro macisso, e que tem gloriosa historia.

Pertenceu a um dos mais illustres guerreiros castelhanos que tomaram parte na guerra das cruzadas.

Morto o guerreiro em combate, o crucifixo ficou em poder dos vencedores, e foi resgatado por um filho da victima, por um preço fabuloso.

Todos estes factos se acham narrados n'um pergaminho, de cuja autenticidade, dizem os jornaes hespanhoes, não é licito duvidar.

Os zuavos pontificios, que defenderam tão gloriosamente a Santa Sé em 1860 e 1870, offereceram a Sua Santidade uma bandeira branca e amarella, com as armas do Papado, sustentadas pela Fé e a Esperança. Sob este trophéu estão representados os paizes a que pertencem os zuavos, com as imagens dos santos protectores de cada nação, da seguinte fórma: A França, tem S. Luiz; a Suissa, S. Mauricio; Portugal, Santa Izabel; Hespanha, S. Thiago; America, Santa Roza de Lima; Canadá, S. João Baptista; Hungria, Santo Estevão; Inglaterra, S. Jorge; Irlanda, S. Patri-

cio; Escocia, Santa Margarida; Hollanda, S. José.

Deve ser uma bandeira formosissima!

Como nos informam, foi grandioso, arrebatador, eloquentissimo o sermão da Bulla, que na Sé do Funchal pronunciou o illustre Prelado d'aquella diocese, D. Manuel Agostinho Barreto.

Já no exordio foi commoventissimo desenvolvendo o texto do evangelho do dia: *Vox clamantis in deserto*, «Eu sou a voz que brada no deserto.» Mas sobretudo na exposição do thema «Devemos tomar a bulla como christãos e ainda mais como portuguezes» não se sabia o que admirar mais: se o *patriotismo* do orador que desenvolveu em linguagem sublime os altos feitos do antigo Portugal encostado á Cruz, ou a *liberdade apostolica* com que verberou o indifferentismo religioso em geral e em particular o desprezo votado hoje no reino fidedelissimo ás cousas da Igreja, aos cabidos (1), seminarios etc.; ou finalmente a *unção* divina com que fallou da Santa Sé e especialmente do glorioso Leão XIII.

«Por mais que uma certa classe de pessoas não queiram ouvir o, «exclamou fallando das colonias,» é necessario dizel-o: o que nós ainda hoje precisamos, são missionarios como antigamente, são os frades, sim snrs., digo-o alto e bom som, aquella palavra que a tantos mette medo; precisamos de frades! de frades!! de frades!!! quando elles missionavam, as nossas colonias eram um jardim, como testemunham nacionaes e estrangeiros os mais competentes na materia, em quanto que hoje não se vê n'ellas senão ruínas, em quanto que hoje são um matagal!»

«Pobre liberdade «exclamou em outra occasião,» triste liberdade esta que tem medo d'um convento, que treme diante do burel d'um frade ou d'uma freira! uma tal liberdade está definida!»

Fallando da sublime vocação do sacerdote e da sua posição social tão cheia de responsabilidade, «Precisamos de sacerdotes,» disse o orador, «queremos sacerdotes; mas queremos sacerdotes dignos d'este nome, sacerdotes instruidos, e sobretudo sacerdotes virtuosos. Não queremos o sacerdote deshonesto; o sacerdote deshonesto é uma verdadeira praga da sociedade, uma peste, um fogo que queima tudo; o sacerdote deshonesto devia desaparecer da face da terra!»

«Sendo a Igreja e o estado ecclesias-

(1) N'esta occasião apontou na presença de todas as auctoridades civis e militares alli presentes para as 20 cadeiras canonicas agora desertas, fazendo comtudo alguma homenagem ao governo actual, que mostra desejos de fazer occupar proximoamente d'estas 20 cadeiras vazias ao menos 8.

tico os esteios mais seguros do Estado, vêde a boa vontade que no Estado ha para com a Igreja! Se algum mancebo se dedica ou á carreira militar, ou á medicina, ou ao estudo do direito ou a qualquer outro ramo de estudos superiores, e quer mais tarde entrar nas funcções do seu estado, ha toda a liberdade, não ha peias, não ha estorvos; mas querendo abraçar o estado ecclesiastico, alto lá, nada sem placet regio, nada sem sellos e emolumentos para o Estado, tudo deve vir bem chancellado! Aonde, está aqui a liberdade? aonde a igualdade?»

«Que me perdoem os nobres officiaes aqui presentes! ha uma milicia ainda mais nobre, e mais necessaria, principalmente nos nossos dias, do que a milicia da espada; e é esta a milicia do clero, a milicia dos soldados da Cruz!»...

Mas é trabalho inutil querer por meio d'estas citações destacadas dar uma ideia do brilhante discurso. Foi geralmente lastimado não se ter podido fixar por tachygraphia este notabilissimo Sermão, cheio d'uma eloquencia desprezenciosa, mas irresistivel e convincente.

Talvez nunca n'este seculo em pulpito portuguez um prelado tenha levantado a sua voz com tanta liberdade, com tanta energia em defeza da verdade e na revindicação dos direitos da Igreja!

É digno de imitar-se o rasgo de sublimidade caridade, que as alumnas ricas do Collegio Inglez do Sagrado Coração de Maria, de Braga, praticaram no dia 8 de dezembro passado, festejando assim o dia da Immaculada Conceição. E tão digno é de imitar-se, que aqui o consignamos.

Lembraram-se as alumnas do mencionado collegio, as que pertencem a familias abastadas, dar no dia da Conceição de Nossa Senhora um jantar ás suas condiscipulas pobres. Obtida a licença da dignissima directora do collegio e dos respectivos paes, abriram as caridosas meninas uma subscrição entre si, e alcançaram reunir o bastante para dar no dia 8 um abundante jantar a 104 creancinhas, desprovidas da fortuna, que recebem do Collegio Inglez o pão do espirito e o do corpo.

E n'esse dia tão festivo, depois de fortalecidas com o pão dos anjos, eilas, as gentis meninas, realisando o seu santo pensamento.

«Era de ver então (diz o nosso esclarecido collega do «Commercio do Minho») como as filhas de familias nobres e abastadas porfiavam sobre qual seria mais sollicita para com as pobresinhas.

Umias ajudavam as cozinheiras, outras serviam á mesa; estas levavam a

comida á bocca das creancinhas que ainda não tinham força para o fazer, aquellas tinham cuidado em que todas fossem igualmente bem servidas.

Alli confundiam-se a filha do rico com a do pobre, a do nobre com a do plebeu: todas se olhavam como irmãs, filhas do mesmo Pae e da mesma Mãe, que estão no céu e que, se permittem a desigualdade das condições, é para dar logar a que no mundo se pratiquem as duas formosas virtudes que abrem as portas do céu—a humildade e a caridade. •

Não nos diz o nosso collega braccense o nome de todas as promotoras de tão sympathica festa; dá-nos apenas os nomes das duas que presidiram á commissão, nomes que nós aqui deixamos gravados tambem como homenagem a sentimentos tão caridosos em juvenis corações:

D. Laura Baptista Gonçalves.

D. Laura da Silva Duarte.

A's duas Laurinhas e a todas as companheiras mil parabens, e á dignissima directora do collegio as nossas homenagens.

Annunciaramos no passado n.º a installação canonica da Pia União das Filhas de Maria, no Collegio da Missão em Tentugal, realisada no dia 8 de dezembro, e já hoje, um mez depois, temos a consolação de dar aos nossos leitores a noticia dos progressos que vae tendo a sympathica associação, e os fructos que vae produzindo.

No dia 31 de dezembro as Filhas de Maria e mais meninas do convento tiveram feriado, e promoveram duas communhões, n'este e no dia seguinte, que applicaram pelo Santissimo Padre Leão XIII. No dia 1.º de janeiro houve missa cantada em acção de graças pelo faustissimo Jubileu Sacerdotal do Santo Padre, e de tarde reunião das Filhas de Maria, sendo por esta occasião admittidas mais 10 noviças ou aspirantes.

Assim festejaram as Filhas de Maria de Tentugal os dias 31 de dezembro e 1 de janeiro, rendendo acções de graças ao Altissimo pelo glorioso anniversario, e acolhendo sob o manto consuetudinario da Rainha das Virgens, mais dez aspirantes á grande honra de Filhas de Maria.

Ao digno director e fundador d'este sodalicio, e á virtuosa Irmã Superiora do convento mil parabens, e que lhes não faltem a ambos as benções do céu para que fructifiquem tão frondente arvore.

Em Irvington, America, publica-se um jornal com o titulo de—*O Amigo dos Catholicos*, escripto em portuguez e dedicado a Maria Santissima. Nas suas columnas anda transcrevendo a primeira

parte da *Maçonaria Desmascarada*, d'este livro de grande alcance, primeiro editado por este Centro de Propaganda Catholica.

Gostamos de noticiar este facto, que prova a importancia do livro com que principiou este centro editorial.

Tendo nós dito n'um dos passados numeros, porque assim nos informaram, que o muito R.º Abbade de Santa Eufemia de Prazins, d'este concelho, fôra quem primeiro queimou algumas Biblias e outros livros protestantes que se vendiam na Povia de Varzim, apressamo-nos a reparar o erro commettido, dizendo que tão nobre e catholica acção fôra praticada pelo muito R.º Padre José Joaquim Fernandes da Costa, de Serafão, tendo antes pagos os livros que queimou.

E' isto o que nos participa o R.º Abbade de Santa Eufemia em carta que muito agradecemos.

Por um descuido deixamos perder entre outros papeis, como amiudadas vezes acontece com outros, a descripção que um nosso amigo nos enviou das festas, que no convento das Trinas, em Lisboa, se fizeram nos dias 16 e 17 de novembro. Sentimos devêras que esta falta se dêsse, inormente tratando-se de uma festa em honra da Santissima Virgem, e promovida pelas benemeritas filhas da penitencia—as Irmãs Hospitaleiras. Agora que achamos o manuscrito é tarde já para lhe dar publicidade; mas dizendo que ellas foram mais solemnes, mais pomposas que as que o anno passado descrevemos, temos dito o bastante para que os nossos leitores juntem as suas ás nossas felicitações que dirigimos ás religiosas Irmãs.

Não nos tornaremos a descuidar.

E' digno de todo o louvor e de que lhe demos toda a publicidade, o modo como a mesa da Veneravel Ordem 3.ª de S. Francisco, do Campo Grande, em Lisboa, deliberou festejar o dia 31 de dezembro passado, solemnisando o Jubileu Sacerdotal do Santissimo Padre Leão XIII.

Eis o que o dignissimo secretario da mesma Ordem nos comunica, e que muito agradecemos:

«A meza da Veneravel Ordem 3.ª de S. Francisco do Campo Grande encarega-me de participar a V. que, em sessão de 16 do corrente mez, deliberou tomar parte na alegria e enthusiasmo universal pelo jubileu sacerdotal do Nosso Santo Padre Leão XIII, pela seguinte fórma:

1.º—Interpretando os sentimentos de todos os nossos carissimos Irmãos exalou na acta d'aquella sessão um voto, si-

gnificativo do jubilo que toda a Ordem sente pela ventura que o Céu concede a Sua Santidade, Leão XIII, no proximo sabbado, 31 de dezembro, celebrando o quinquagesimo anniversario da celebração de sua primeira Missa, e da gratidão que confessamos ao Todo Poderoso por conceder tão especial graça ao Chefe Supremo da Egreja, o Venerando Pontifice que dispensou tão salutares e sabios cuidados e não menos preciosas graças ás Ordens 3.ª do N. P. S. Francisco, pela reforma de sua regra, dada em Roma, aos 30 de maio de 1883, 6.º anno do seu pontificado.

2.º—Faz celebrar na Egreja de Telheiras (onde tem provisoriamente sua séde), pelas 10 horas da manhã do citado dia 31, uma Missa e *Te-Deum*, em acção de graças, dirigindo n'essa occasião preces ao Senhor pela conservação e saude espiritual e temporal do Nosso Santo Pontifice.

3.º—Procura dar cumprimento á circular do Eminentissimo Prelado d'este Patriarchado, executando na mesma Egreja os festejos ordenados para solemnisar o referido dia.

4.º—Vae, pela uma hora da tarde, do supracitado dia 31, ao palacio do respeitavel representante de Sua Santidade n'esta côrte, cumprimental-o e felicital-o pelo motivo de tanto jubilo para os catholicos e mui particularmente para os filhos do Grande Francisco de Assis.

5.º—N'essa occasião deposita nas mãos do mesmo Prelado uma mensagem de felicitação dirigida ao Venerando Pontifice, assignada pelo N. R.º Padre Commissario, meza e pelos irmãos que o tenham procurado fazer.

6.º—No mesmo dia 31 de dezembro dá principio aos trabalhos da reedificação da nossa Egreja do Sagrado Coração de Maria, interrompidos por um embargo judicial, mas que hoje se acha levantado, noticia que a meza jubilosamente comunica a V.

7.º—E, por ultimo, tendo deliberado tornar conhecidas de todos os nossos carissimos Irmãos as anteriores resoluções, a meza pede a todos que a acompanhem n'estas manifestações de ardente prazer, sincero reconhecimento, e filial respeito em honra de Leão XIII, assistindo á Missa e *Te-Deum*, assignando a mensagem congratulatoria e seguindo a meza ao palacio do Excellentissimo e Reverendissimo Nuncio Apostolico.

Os nossos Irmãos que desejarem assignar a mensagem poderão fazel-o no cartorio da freguezia do Sacramento.

Secretaria da Ordem 3.ª de S. Francisco do Campo Grande, 25 de dezembro de 1887.

Padre José Ricardo Freire d'Andrade,
1.º secretario

Bravo! Assim fazem os verdadeiros filhos do Santo Patriarcha. Mil parabens á Ordem 3.ª do Gampo Grande.

O bem conhecido missionario das proximidades de Braga, o R.º Padre José Joaquim da Silva Bacellar, foi ha tempos portador de uma quantia avultada de dinheiro, que um protestante lhe entregou para restituir ao thesouro publico.

Ao thesouro publico, senhores inimigos da confissão, das praticas religiosas e dos jesuitas, como soem chamar a todos os padres que o sabem ser, e isto porque o padre, porque o confessor ensinou ao penitente que é roubo tudo que se possui contra vontade de seu dono, e adquirido por meios illicitos.

Foi necessario o missionario, o homem que por ahi se odeia, dizer que é peccado roubar o estado, porque ha muita gente que não faz escrupulo de subtrahir qualquer quantia ao estado, fiado no ditado antigo de—Adrão que rouba a...

Mas de cá não ha d'isso; no campo da Igreja não se admite roubos de qualidade alguma, e por isso o R.º Padre Bacellar aconselhou o seu penitente á restituição, e foi, em nome d'ella, á repartição de fazenda do concelho de Vallongo, entregar a quantia de 60\$000 réis, como consta do seguinte documento que copiamos:

«N.º 129—(Modelo B)

Concelho de Vallongo—Receita eventual—Restituição á fazenda—60\$000 reis.

Pagou snr. Padre José Joaquim da Silva Bacellar, missionario de Braga a quantia de sessenta mil reis provenientes de restituição á Fazenda Nacional de que foi encarregado por um seu penitente, a qual fica lançada no livro competente a fl. 24. Recebedoria do concelho de Vallongo 14 de Dezembro de 1887.

O escrivão de fazenda
Gaspar Antonio da Cruz.

O recebedor
Manoel Costa da Silva Nunes.»

Será por causa de factos como este que alguns espiritos das *luminarias* não querem missionarios?

Os nossos leitores nem todos sabem que no hospital do Espirito Santo, em Setubal, estão, como enfermeiras, as Irmãs Hospitaleiras, essas heroínas, essas verdadeiras filhas da caridade; mas é uma verdade, que os seus inimigos, os inimigos da virtude e do sacrificio, tem feito um berreiro espantosamente acanhado.

O Districto, periodico de Setubal, que

nos dizem ser dirigido por um perfeito cavalleiro, tem, apesar d'isso, sido o tablado onde os arlequins da impiedade tem exhibido suas truancices, com o que não tem feito mais que redobrar o brilho da aureola que circuita a frente veneranda das santas filhas da penitencia. Sim, só servem as calumnias, levantadas contra as Irmãs da Caridade de lhes augmentar a fama de que gozam, porque sempre a verdade apparece, como agora em Setubal, como se vê da carta, que o digno clinico do hospital fez publicar no mesmo papel, onde saiam as calumniosas mentiras.

Não temos tido tempo para fallar da festa que se fez da Propagação da Fé, n'esta cidade, e dar conta do resultado das collectas no passado anno, do que pedimos desculpa aos nossos leitores, principalmente áquelles que costumam concorrer com suas esmolos para tão santo fim, visto que o fazem pelas noticias que o *Progresso Catholico* tem dado d'esta civilisadora obra.

Houve a festa costumada e o collector, R.º Padre Antonio Joaquim Teixeira, mandou para o seu destino a quantia de 355\$920 réis, havendo um augmento nas collectas do anno de 1886 de 71\$520 réis.

Bom é que o fervor não arrefeça e que cada dia tenhamos de notar o progresso d'esta obra grandiosa.

J. de Freitas.

O Manual da Pia União

DAS

Filhas de Maria

I

O nosso illustrado e bem conceituado collega lisbonense, «A Nação,» annunciando a recepção d'este livrinho de verdadeira propaganda catholica, diz o seguinte, que com prazer transcrevemos, para cuja transcrição chamamos a attenção dos nossos leitores, e muito principalmente das leitoras:

«*Manual da Pia União das Filhas de Maria*—Temos em nosso poder um elegante livrinho, impresso em Guimarães e publicado pelo Centro de Propaganda Catholica em Portugal. O titulo do livro que deixamos apontado na epigraphe d'esta noticia, diz, por si só, o que seja o texto, que foi compilado do Manual da União Primaria de Roma, do mesmo titulo, e de outros livros de piedade pelo conego Dr. Ananias Corrêa do Amaral.

Hoje que a piedosa instituição das

Filhas de Maria, fundada com singular aproveitamento pelo immortal Pio IX, se acha tão vulgarisada entre nós, a publicação d'este opusculo era de grande necessidade e vae ser de grande proveito.

Recommendamos, pois o *Manual da Pia União das Filhas de Maria.*»

(«A Nação» de 28 de dezembro de 1887.)

Muito agradecemos ao nosso bom collega a justa apreciação de tão bello livro, que foi traduzido e publicado com o mesmo espirito com que foi feito—o de tornar popular quanto possivel a formosa e sympathica associação das Filhas de Maria.

Publicou-se n.º 2.º de *La Hormiga de Oro*, correspondente á série II, que contém as materias seguintes:

«*Texto*.—Un rato de conversacion, por L. M. de Ll.—Crónica hebdomadaria, por Lupercio.—El anillo de la reina Isabel (episodio de la historia de Inglaterra), por F. de P. C.—El dia de un pagano.—Nostalgia (poesia) por Juan A. Saco y Arce.—Crónica contemporanea, —Seccion recreativa.—Nuestros grabados.

Grabados.—Un buque á la vista (cuadro de B. Giuliano).—La bendicion del campo (cuadro de Salvador Viniegra).—Choque entre dos trenes cerca de Avila.—Ejecucion de los anarquistas de Chicago.»

Tambem se publicou o n.º 7 da revista illustrada *La Exposicion Vaticana*, cujo conteudo é como segue:

«*Texto*.—La casulla regalada á Su Santidad por el Cabildo Lateranense.—Fastos de Leon XIII (continuacion).—La Cruz papal ofrecida por la Orden de carmelitas descalzos.—El Jubileo del año 1300.—El tapete del Sultan.—Junta nacional del Jubileo Pontificio en Francia.—El mantel para altar conmemorativo del Jubileo sacerdotal de Leon XIII.—Felicitation y protesta del episcopado español en honor de Su Santidad Leon XIII con motivo de sus bodas de oro.—Método de vida y ocupaciones de Leon XIII.—El catálogo de los donativos enviados á Su Santidad.—La gran galeria del jardin pontificio.

Grabados.—La casulla regalada á Su Santidad por el cabildo Lateranense.—La Cruz papal ofrecida por la Orden de carmelitas descalzos.—El tapete del Sultan.—Junta nacional del Jubileo Pontificio en Francia: Vizconde de Damasco, Presidente.—Conde de Kreuznach, Tesorero.—Conde Gaston Yvert, Vice-presidente.—El mantel para altar, conmemorativo del Jubileo sacerdotal de Leon XIII.—La gran galeria del jardin pontificio.»

São duas publicações esplendidas.